convergência

MAIO — 1978 — ANO XI — Nº 112

- **A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA VIDA RELIGIOSA**
  Cardeal Eduardo Pirônio — página 198

- **A DIMENSÃO CARISMÁTICA DA IGREJA**
  Pe. Cleto Caliman, SDB — página 207

- **VIDA RELIGIOSA E TRABALHO PROFISSIONAL**
  Ir. Laura F. de Almeida Sampaio — página 241

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
(ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO —
RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea)..... Cr$ 200,00
Exterior: marítima..... US$ 17,00
aérea ..... US$ 25,00
Número avulso ..... Cr$ 20,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luis, 100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:
Estilização de uma BIRUTA, instrumento técnico que indica o movimento direcional dos ventos nos aeroportos. Um SÍMBOLO, um COMPROMISSO, um APELO para **CONVERGÊNCIA.** SÍMBOLO do que não pode ser: volúvel, inconstante, sem rumo. Quem varia com os ventos é leve demais para as responsabilidades da Vida Religiosa. COMPROMISSO de fidelidade ao que sempre tem procurado ser: sensível ao Espírito, aberta ao que transcende. APELO: combate à indecisão. Fé diante das perspectivas que estão se construindo. Agir com o pé no futuro pois os caminhos se abrem quando cada um se põe a caminhar. Pela força e clareza das idéias que veicula, **CONVERGÊNCIA** quer ser um exercício mensal de esperança na Vida Religiosa renovada.

Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA VIDA RELIGIOSA
Cardeal Eduardo Pirônio **198**

A DIMENSÃO CARISMÁTICA DA IGREJA, Pe. Cíeto Callman, SDB **207**

NO CENTRO OU NA MARGEM DOS ACONTECIMENTOS
Frei Hugo D. Baggio, OFM **217**

MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR, Ir. Noé Zevallos, FSC **225**

OS RELIGIOSOS DO BRASIL E A CONFERÊNCIA DE PUEBLA
Ir. Maria Carmilita de Freitas, FI .. **233**

VIDA RELIGIOSA E TRABALHO PROFISSIONAL
Ir. Laura F. de Almeida Sampaio.. **241**

EDITORIAL

Prezado Leitor! Está em suas mãos mais um exemplar de CONVERGÊNCIA. Como você já percebeu pelos títulos do sumário, nesta edição estão elencados uma série de artigos de perspectivas eclesiológicas. São um pressuposto de considerações sérias, que vão incidir diretamente sobre o atualíssimo tema da III Conferência de Puebla: A Evangelização no presente e no futuro da nossa Igreja Continental. Em suma, o conteúdo da presente edição está centrado sobre a IGREJA, entendida não apenas no aspecto institucional, mas como um dinamismo que desponta nos horizontes do mundo, com a missão de reunir os homens em Cristo, para levá-los ao Reino do Pai, tal como foi preconizada e é assistida pelo Espírito Santo, desde os seus primórdios.

Nesta maneira nova de entender a missão da Igreja, que não pára no tempo, articula-se uma série de decisões para a própria Vida Religiosa. Pois, por sua natureza espiritual ela é dinâmica como a irrupção do Espírito Santo. Compete-lhe, como Sacramento da Salvação, não caminhar à margem da história e alheia aos anseios dos homens. Na história dos homens não se concebem duas histórias: uma profana e outra sobrenatural, mas uma só, a história da salvação que nasce da história profana. É o motivo, pelo qual a Igreja não pode desinteressar-se da história, do homem total e das determinações que criam as estruturas sociais. Esta solidariedade da Igreja com o homem nasceu da consciência que ela tomou de si mesma e da missão frente ao mundo: "As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (G.S. 1).

Este marco referencial é indicativo que na evangelização do Reino não se exclui a história concreta que vivemos. A libertação de Cristo, através dos seus agentes, não é apenas espiritual, mas enlaça todas as dimensões da vida humana. Sob esta visão, admite-se também esta evidência, que o culto verdadeiro se estabelece na unidade e solidariedade fraterna (Mt 5, 22-24).

A partir da inserção das comunidades no povo se percebe a Igreja como sacramento da salvação realizando-se na história.

Em confronto com estas perpectivas eclesiológicas, verifi-

ca-se que, em distintas partes do mundo, de modo especial na América Latina, a vida religiosa assumiu configurações novas, tais como: participação ativa na tarefa pastoral; desenvolvimento de relações fraternas entre as comunidades e entre os próprios membros e com o povo no qual estão inseridos. Nota-se maior encarnação dos religiosos nos meios populares. Passou-se a viver de uma maneira própria os votos, principalmente o voto de pobreza como solidariedade para com os pobres. Olhada sob este prisma, fica patente que a vida religiosa é um dom de Deus dado à humanidade e à Igreja, Povo de Deus.

Em seguimento a estes enunciados, apresentamos o artigo do **Cardeal Eduardo Pirônio,** no qual ele fundamenta a posição acertada da vida consagrada no seio da Igreja. Mostra claramente, que é necessário conhecer e amar Cristo, a Igreja e o mundo para descobrir e ativar a dimensão profundamente missionária da Vida Religiosa.

Pe. Cleto Caliman, SDB, destaca no texto sobre a Igreja Carismática que a vida e a irrupção carismática, sob a ação do Espírito, nem sempre é contido pela ordenação jurídica da Igreja.

Frei Hugo D. Baggio, OFM, com o trabalho "No Centro ou na Margem dos Acontecimentos" focaliza a missão da Igreja no mundo e na América Latina, refletindo a partir dos documentos do Vaticano II, Medellín e o Documento de Consulta do CELAM com o objetivo de iluminar a Vida Religiosa com esta documentação.

O tema da devoção mariana do **Ir. Noé Zevallos, FSC,** apresenta Maria, como pessoa do povo que soube dizer o **sim** libertador, e assumiu na vida humilde as tensões mais dolorosas com uma visão clara de sua missão no mundo. É uma reflexão sobre a Religiosidade Popular como valor posto por Deus na alma de nossos povos.

A origem e a maneira como se procedeu a contribuição concreta dos Religiosos do Brasil à III Conferência de Puebla, são contadas pela **Ir. Maria Carmilita de Freitas, FI,** Membro do Executivo e da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional.

Ir. Laura Fraga de Almeida Sampaio, da Equipe de Reflexão Teológica da CRB, examina, analisa e reflete em seu trabalho sobre o fenômeno da profissionalização das religiosas. Mostra por onde caminha este processo. Aponta valores, problemas desse novo estilo de vida religiosa. É uma reflexão nascida da sua experiência pessoal nesta área da profissionalização.

Pe. Celso Sehn, MSF

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

IX ENCONTRO DAS MADRES GERAIS BRASILEIRAS

Realizando a Programação da Nacional, as **Madres Gerais Brasileiras** tiveram seu IX Encontro nos dias 13 a 21 de abril de 1978, no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro. Presentes 29 Madres Gerais e 10 Vice-Gerais ou Conselheiras. Eram trinta e nove Congregações diferentes.

O programa consistiu em cinco dias de estudo da Realidade Brasileira nos aspectos de Pastoral Social hoje, Modelo Econômico, Problemática Social e precedidos de um dia de fundamentação teológica. Este estudo foi proporcionado pelos professores do IBRADES, colaborando com a CRB. Seguiram-se dois dias de retiro orientado pelo Pe. Roberto Mayer, OMI, e um dia para Conclusões e Programação para o período 1978-1979. A Coordenação do Encontro esteve a cargo do Pe. Antônio Abreu, por parte do IBRADES e da Irmã Helena Ferreira, por parte da CRB.

É justo relevar a qualidade dos conferencistas do IBRADES que souberam condensar muito conteúdo para oferecer pontos de referência bem explicitados de maneira a obter-se uma panorâmica bastante nítida e possibilitar aprofundamento posterior sobre o assunto. Os dois dias de retiro e a comunicação fraterna de experiências permitiram às Madres chegarem às Conclusões que seguem e assumi-las em comunhão profunda.

Conclusões finais

As Superioras Gerais das Congregações Brasileiras, em seu 9º Encontro Nacional, depois de refletirem sobre a realidade do Brasil, e situando-se diante do atual momento da Igreja, tomam consciência mais uma vez, de sua missão evangelizadora nesse contexto histórico e se propõem:

◆ Esforço constante para uma conversão pessoal, como fundamento necessário de toda ação pastoral.

◆ Crescente comunhão entre as Congregações brasileiras, no sentido de integrar forças apostólicas a serviço da Igreja.

◆ Opção preferencial pelo POBRE, nas diversas formas de Pastoral.

◆ Comprometimento com a Igreja do Brasil que exige desinstalação e solidariedade com os mais necessitados.

◆ Engajamento efetivo na Pastoral de Conjunto, de acordo com as diretrizes traçadas pela CNBB.

Linhas de Ação

1. Informar as bases sobre a realidade brasileira e a Pastoral Social. **2.** Rever nossa ação evangelizadora à luz do desprendimento, da encarnação, do serviço, visando a superação do dualismo, das dependências e das ambiguidades. **3.** Transformar nossas obras educacionais, hospitalares e promocionais em núcleos de evangelização, integrados no Plano de Pastoral local, visando a formação de Comunidades Eclesiais de Base. **4.** Buscar inserção sempre maior das Religiosas nos ambientes prioritários. **5.** Cuidar que as irmãs na sua formação inicial e permanente se preparem para responder aos novos apelos pastorais. **6.** Abrir-se para a formação de comunidades intercongregacionais em regiões prioritárias de missão. **7.** Buscar todos os meios aptos para a concretização destas metas. **8.** Avaliar e rever essas Conclusões no Encontro de 1979.

CURSO DE FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA POR GRAVAÇÃO

Você ainda não sabe? É a grande novidade da FITOTECA/CRB para 1978. É um convite para uma série de reflexões sobre a realidade do Amor de Deus presente entre nós, através da Bíblia. Haurir na fonte da Escritura a água viva para depois de ter feito dela o sustento de sua própria vida, anunciá-la e fazer dela a finalidade de sua catequese.

Queremos refletir com Você sobre a Palavra de Deus para nela encontrar o conteúdo, o dinamismo, a força para nosso testemunho vivo.

TEMAS. 1. A Bíblia e a presença de Deus no meio dos homens. **2.** A Palavra viva e a Bíblia. **3.** A leitura da Bíblia e a ação no mundo. **4.** O sentido da vida e a Bíblia. **5.** Dimensão pascal do homem e a Bíblia. **6.** A nova criatura e a Bíblia. **7.** Encontro com Deus e a Bíblia. **8.** A Justiça e os Profetas. **9.** A Bíblia e a pesquisa dos homens.

Todos estes temas serão tratados por especialistas de renome. Uma palestra por mês gravada em cassete e acompanhada de bibliografia e roteiro para estudos complementares. Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / 20 031 Rio de Janeiro — RJ.

PREÇO. Cr$ 600,00 (seiscentos cruzeiros). Cheque de qualquer Banco pagável no Rio de Janeiro.

DEUS QUER FALAR COM VOCÊ. DISPONHA-SE A ESCUTÁ-LO.

275 ANOS: CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Por ocasião do 275º Aniversário da Congregação do Espírito Santo, os espiritanos e todos aqueles que se interessam pela missão evangelizadora da Igreja são convidados a reconhecerem num ato de solidariedade, todos aqueles que não mediram esforços e sacrifícios para atenderem às necessidades da Igreja na sua missão junto aos homens.

Cláudio Poullart des Places (+1709), estudante bretão, formado em Direito, e Francisco Maria Paulo Libermann (+1852), judeu convertido, dois homens que viveram em épocas diferentes, e que foram sensíveis aos apelos de Deus e dos homens do seu tempo. Na ocasião da celebração do jubileu, somos convidados a nos inspirar no espírito que os animaram.

Cláudio Poullart des Places, vendo a necessidade de "educar e sustentar estudantes pobres capazes de virem a ser pastores úteis na Igreja de Deus em ministérios humildes nos postos mais abandonados", a 27 de maio de 1763, festa de Pentecostes, funda em Paris a Congregação do Espírito Santo. Pouco tempo depois alargava-se a finalidade inicial: "educar clérigos pobres, prontos a aceitar, a escolher de preferência e a amar de todo coração os postos eclesiásticos mais modestos e laboriosos para os quais dificilmente se encontravam ministros". A evangelização dos pobres, as missões em países não cristãos ficaram para sempre atributos dos Padres e Irmãos do Espírito Santo.

A Congregação do Imaculado Coração de Maria teve seu início no ano 1841 com a implantação do noviciado em La Neuville, França, encabeçado por Libermann. Esse grupo se formou em torno da idéia de evangelizar os negros, como finalidade específica e, como finalidade geral, a evangelização dos mais abandonados.

Pelo ano de 1848 em virtude de uma série de circunstâncias pensou-se em fundir as duas Congregações. Ambas tinham quase a mesma finalidade. Assim a 10 de junho de 1848 ficou assente a fusão das duas Congregações. Passou-se a chamar de ora em diante Congregação do Espírito Santo sob a proteção do Imaculado Coração de Maria, sob o lema: "Cor unum et anima una" e, tendo tido como seu primeiro superior geral, o Padre Francisco Maria Paulo Libermann.

Atualmente a Congregação conta com cerca de 4.000 membros. 1.500 estão em 29 países da África, e os demais trabalham na Europa, no Canadá, Estados Unidos, Brasil (170 membros) e em outros países. Atualmente assumiram novos campos de missão em Bangladesh, Papuásia e Austrália. A Congregação, continuando o espírito de seus fundadores, dedica-se "à atividade missionária no meio dos povos ou dos grupos humanos mais abandonados ou mais necessitados tanto material como espiritualmente, serviço para o qual a Igreja dificilmente encontra obreiros".

Os primeiros Padres do Espírito Santo chegaram no Brasil em 1885. Seus principais campos de trabalho estão na Amazônia: Prelazia do Alto Juruá e Prelazia de Tefé, ambas sob a responsabilidade da Congregação. Trabalham ainda em Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A formação de missionários (padres e irmãos) é feita em Salete (SC) e em São Paulo (SP).

Olhando os 275 anos de existência da Congregação do Espírito Santo, podemos reconhecer com certeza, de que Deus autenticou a humilde iniciativa de Poullart des Places e Libermann e, hoje a Congregação do Espírito Santo em fidelidade ao espírito dos seus fundadores, procura renovar-se para melhor atender as necessidades da Igreja e dos homens do nosso tempo.

A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA VIDA RELIGIOSA

Cardeal Eduardo Pirônio

Roma, Itália

"Como o Pai me enviou também eu vos envio" (Jo 20, 21). "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15). "Anunciar o Evangelho... para mim é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim se não evangelizar" (1 Cor 9, 16).

São frases válidas para todo cristão. Toda a Igreja é essencialmente missionária, evangelizadora, salvadora.

Mas como descobrir e ativar a dimensão profundamente missionária da Vida Consagrada? Creio que deveríamos insistir nestes três pontos: Cristo, a Igreja e o mundo. A Vida Religiosa se define por um particular seguimento de Cristo, um modo específico de ser e realizar a Igreja, uma vocação especial a transformar o mundo segundo o espírito das Bem-aventuranças (L. G. 31).

I — O Seguimento de Cristo

A própria consagração batismal nos colocou a todos "na escola de Cristo". Mas a consagração religiosa supõe um modo especial de configuração com Cristo em seu ser e missão, em sua morte e ressurreição. Supõe assimilar profundamente a al-

ma filial de Cristo "glorificador do Pai e Salvador dos homens". O único modo para Cristo de amor ao Pai e buscar sua glória, é revelar ao homem os segredos do Pai e dar a vida na cruz pelo resgate de todos. Cristo é Filho de Deus feito homem, o Senhor da história, o Salvador do Mundo.

A fidelidade ao plano do Pai — que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Tim 2,4) exige em Cristo uma atitude essencialmente missionária e sacrifical. Cristo veio para salvar integralmente ao homem e a todos os homens. Por isso pregou o Evangelho do Reino e convidou à conversão e à fé (Mc 1,15). Por isso abraçou a cruz e deu espontaneamente a vida (Jo 10, 17-18).

O Seguimento radical de Cristo supõe nas pessoas consagradas uma absoluta fidelidade ao plano do Pai e a vontade explícita do Pai é esta: que todos os homens se salvem. É esta a medula central do Evangelho: "Deus não enviou o seu Filho para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele" (Jo 3,17).

Eis três aspectos no seguimento de Cristo que marcaram fortemente a dimensão missionária das pessoas consagradas:

a) Configuramo-nos fortemente ao **Cristo da Páscoa,** quer dizer, ao Cristo da Aliança, ao Cristo Jesus "que se tornou para nós sabedoria, santificação e redenção" (1 Cor 1,30). O essencial em Cristo não é a transmissão imediata da mensagem, mas a redenção operada pelo seu sangue. Muitos receberam e escutaram sua Palavra: nem todos aceitaram a salvação que se lhes oferecia.

Há um aspecto no Cristo missionário que me interessa sublinhar: seu silêncio contemplativo e seu aniquilamento até aceitar por obediência a morte de cruz (Fil 2,8).

Geralmente quando pensamos na natureza missionária da Igreja — ou na dimensão missionária da Vida Religiosa — logo pensamos na atividade apostólica ou na função profética dos que anunciam a Boa Notícia da Salvação. Pensamos pouco nos que engendram, como Maria, no silêncio contemplativo "a palavra da salvação" ou nos que, também como Maria, colaboram na obra da salvação universal desde a fecundidade da cruz e da morte. Aqui vale também a afirmação de Jesus: "Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto" (Jo 12,24). Por isso uma Religiosa contemplativa — que orou e sofreu muito, Santa Teresinha do Menino Jesus — é padroeira das Missões.

b) Configuramo-nos, de modo especial, ao **Cristo Profeta.** A Vida Religiosa é uma particular expressão na Igreja da função profética de Cristo. Com a palavra e o testemunho. A simples existência de uma comunidade religiosa autêntica — orante e fraterna — é uma evidente proclamação do Reino de Deus e uma manifesta revelação de um Deus de amor que nos convida à conversão, à reconciliação, à salvação. Mas, ademais, o Espírito nos envia constantemente a levar a Boa Nova de Jesus "até os confins da terra" (At 1,8).

A configuração especial com Cristo Profeta supõe estas três coisas: assimilação profunda de todo o Evangelho, realização pessoal e comunitária da Palavra recebida (Lc 11,27), proclamação universal da salvação operada por Jesus.

Uma autêntica comunidade religiosa é um sinal palpável da presença de Cristo Pascal e um ardente convite à conversão e à fé.

A dimensão missionária da Vida Religiosa não se mede tanto pela eficácia imediata da palavra dita ou atividade realizada, quanto pela evidente manifestação e comunicação de Cristo Salvador feita através duma comunidade que permanece unida da "ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, e à fração do pão" (At 2,42).

c) Finalmente seguimos a um Cristo pobre, casto, obediente até a morte de cruz. É claríssima a dimensão missionária dos conselhos evangélicos. Deixamos tudo para seguir a Jesus e servir salvificamente aos homens. O essencial aqui é a oblação total de nossa vida a Cristo em favor do Reino: para testemunhá-lo como presente, para anunciá-lo profeticamente como definitivo, para ajudar à construí-lo cotidianamente entre os homens para a glória do Pai. Os votos, se são vividos com serenidade e alegria no Espírito, nos tornam livres e nos capacitam para servir generosamente a nossos irmãos. Mas, acima de tudo, são uma manifestação de nossa radical oferenda ao Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo. Implicam aniquilamento e morte: mas são, sobretudo, expressão de uma aliança pascal e plenitude de vida.

Se os votos são vividos num contexto sereno de amor, imolação gozosa ao Pai e doação generosa aos homens — adquirem uma força missionária extraordinária. Tornam-nos disponíveis para viver somente em função da salvação de todos os homens; mas, especialmente, manifestam ao mundo que Deus é amor, que enviou o seu Filho ao mundo para que vivamos por Ele (1 Jo 4,7-10) e que "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rom 5,5).

II — No Mistério da Igreja

"Ora vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte" (1 Cor 12,27).

A Vida Consagrada só tem sentido desde o interior duma Igreja Povo de Deus, comunhão essencialmente missionária. "Eu sou a verdadeira vide... Permanecei em mim, como eu em vós... eu vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes frutos e para que o vosso fruto permaneça" (Jo 15,1,4,16). É o fruto da santificação pessoal, da conversão e salvação dos homens, da reconciliação universal em Jesus Cristo.

A Vida Consagrada é um modo específico de ser e realizar a Igreja missionária.

Participa do dinamismo do Espírito Santo que a habita e a impulsiona a inserir-se no mundo como "sacramento universal de salvação" (L.G. 48; A.G. 1) e a proclamar até os confins da terra o testemunho da Ressurreição de Jesus.

Mas a Vida Religiosa fá-la desde seu carisma original. O qual exige uma absoluta fidelidade a sua identidade específica, a seu ser próprio. O qual significa que a dimensão missionária da Vida Congrada parte essencialmente desde sua própria consagração e missão. É mais profunda e permanente que a própria atividade apostólica. Uma vida exclusivamente contemplativa — se é vivida em plenitude de Igreja — é maravilhosa e fecundamente missionária.

Pode haver na Igreja vocações particularmente missionárias. Assim surgiram, por exemplo, diferentes Institutos ou Congregações providencialmente suscitados pelo Espírito Santo para a missão. Existem almas consagradas que optaram por um determinado modo de seguir Cristo, porque sentiram um chamado especial a deixar tudo e partir para terras distantes, a fim de anunciar ali a Boa Nova de Jesus.

Não foi por espírito de novidade ou aventura, mas por exigência interior do Espírito. Mister se faz descobri-las e rezar ao Senhor para que se multipliquem. Especialmente neste momento é urgente aplicar a palavra do Senhor: "A messe é grande e os operários poucos, rogai ao Senhor da messe para que envie operários a sua messe".

Surge, às vezes, na Igreja uma espécie de medo ou de cansaço. Também existe uma certa preocupação pelo sentido mesmo e a validade do ser missionário.

Os desvios ou execessos que poderão cometer-se em determinados momentos ou países, não diminue a essencial atualidade da missão. Determinadas formas de proselitismo ou colonialismo — que pareciam matar as culturas nativas — certamente foram superadas. Precisamente o Concílio, quando fala do caráter missionário da Igreja, diz: "A Igreja trabalha de maneira tal que tudo o que é bom se encontra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos, não só não desapareça, mas seja somado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem" (L.G. 17).

"A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai" (A.G. 2).

Quisera sublinhar três aspectos desta Igreja essencialmente missionária e, nela, a dimensão missionária da Vida Religiosa.

a) Há uma missão que se realiza, em profundidade e maturidade comprometida de fé, ainda nos países já evangelizados e nos quais a Igreja foi oficialmente implantada como comunidade de crentes em Cristo. A Igreja é constantemente "enviada" a este mundo, impulsionada fortemente pelo Espírito Santo para inserir-se nele e transformá-lo. A Igreja não é uma comunidade estática, mas dinâmica e salvadora. A missão consiste aqui em seguir anunciando a Cristo e as exigências do seu Reino, seguir chamando cotidianamente à conversão e a uma fé madura, seguir criando comunidades profundas, fraternas e comprometi-

das, capazes de transformar o mundo, fazê-lo mais humano e mais divino, oferecê-lo ao Pai. É o alento missionário que anima fundamentalmente a vida e a atividade da Igreja em seus diversos níveis e onde quer que se fale. A missão essencial da Igreja, como a de Cristo, é anunciar explicitamente o Reino e salvar integralmente os homens.

Neste sentido, a oração e a cruz, a vida oculta em Deus e a atividade catequética, o ensino na escola ou a ação assistencial, adquirem uma dimensão essencialmente missionária: É a Igreja que **sai** do Cenáculo e **entra** no mundo para **proclamar** as maravilhas de Deus e lograr a **salvação de todos.**

Seja qual for o modo concreto de uma Vida Religiosa deve necessariamente ter esta dimensão missionária.

b) Há também, a inquietude missionária por levar a outros lugares, a outros países, a Boa Nova da Salvação, a Mensagem de Jesus, o apelo para entrar em seu Reino. Aqui se nos coloca a urgência das vocações especificamente missionárias (em sentido clássico e tradicional): "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Mas como poderiam invocar aqueles que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? (Rom 10,13-15).

Lamentavelmente, há fatores que fizeram diminuir o interesse por esta forma evangélica de vida missionária. Seria o caso de perguntar-nos se o Senhor não nos chama, de um modo novo e urgente, a desinstalar-nos, a deixar tudo e acudir e compartilhar da sorte de muitos irmãos nossos que vivem na obscuridade e buscam a luz, que experimentam a tristeza e a morte e desejam a alegria e a vida, que sentem a orfandade e suspiram ardentemente que alguém lhes fale do Pai.

c) Finalmente há um aspecto que é urgente sublinhar na Igreja missionária: é a participação silenciosa e fecunda — através da alegria da fidelidade, da profundidade contemplativa e da serenidade fecunda da cruz — em toda atividade missionária da Igreja. E aqui as almas consagradas têm, como Maria ao pé da cruz ou na interioridade contemplativa do Cenáculo, um lugar privilegiado e uma missão providencial. O termo da missão é sempre o mesmo: que Cristo seja anunciado e que todos os homens se salvem por Ele. Para as almas consagradas — que ligaram difinitivamente sua vida com Jesus Cristo, Salvador do mundo — a urgência missionária se faz particularmente forte e comprometedora: Exige-o Cristo, qué-lo a Igreja, esperam-no os homens redimidos na esperança (Rom 8,24) e chamados a reproduzir a imagem de Jesus Cristo, o primogênito entre muitos irmãos (Rom 8,29).

III — Com o Espírito das Bem-aventuranças

A Vida Consagrada se especifica por um especial modo de viver o Evangelho; em concreto, as Bem-aventuranças. O concílio o afirma como traçando-nos a identidade inconfundível dos religiosos: "Os religiosos por seu estado dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e ofe-

recê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças" (L.G. 31).

Também a Vida Religiosa se situa em relação ao mundo. Não o despreza nem condena, tão pouco o invade. Simplesmente se separa para redimi-lo. Como Cristo a partir do deserto e da cruz. Cristo não veio condenar o mundo, mas salvá-lo (Jo 3,17). Não pediu ao Pai que tirasse a seus discípulos do mundo, mas que preservasse, guardasse do Maligno (Jo 17,15). A missão evangelizadora os insere de um modo novo — como privilegiadas testemunhas do Reino — no mundo: "Como tu me enviaste ao mundo, eu também os envio ao mundo" (Jo 17,18).

Mas a referência ao mundo é sempre em ordem à uma missão evangelizadora e salvífica: para testemunhar o Reino, tornar presente a Jesus e chamar os homens à conversão e à fé. Seu estilo de vida e de ação definem as bem-aventuranças. Por isso a dimensão missionária da Vida Religiosa há de ser buscada mais na linha do ser mesmo que da atividade. É necessário reler aqui as palavras de Paulo VI na "Evangelii Nuntiandi": "Os religiosos, por sua vez, têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças" (E.N. 69).

Em atenção à estas idéias do Papa:

a) A Vida Religiosa em si mesma é evangelizadora e missionária:

◆ Porque é um testemunho do absoluto de Deus e da Santidade a que estamos chamados na Igreja. É, por conseguinte, um chamado à conversão.

◆ Porque é um sinal de total disponibilidade para com Deus, a Igreja, os irmãos. É, por isso mesmo, uma manifestação da alegria do amor e um forte incentivo a viver a plenitude da caridade. A caridade é a essência do viver cristão; é, também, a medida em que seremos julgados (Mt 25,31-46) e a mais perfeita e duradoura das virtudes teologais (1 Cor 13,8,13). A Vida Consagrada é uma vida eminentemente teologal, uma experiência de fé, uma comunicação de esperança, uma gozosa aliança de amor.

◆ Porque, através do testemunho silencioso da pobreza e o desprendimento, a alegria profunda da castidade consagrada e o abandono ativo e maduro na obediência, é uma constante interpelação ao mundo e à própria Igreja. Testemunho que percebem os próprios não-cristãos de boa vontade.

b) Esta vida Religiosa se situa dentro do dinamismo da Igreja, sedenta do Absoluto de Deus, chamada à santidade, e ao mesmo tempo essencialmente enviada ao mundo para pregar o Evangelho à toda criatura e realizar em Cristo a salvação de todos os homens.

c) Graças a sua consagração religiosa, muitos homens e mulheres se fazem voluntários e livres para abandonar tudo e lançar-se a anunciar o

Evangelho até os confins da terra. Mas há, também, uma força missionária que surge do silêncio e da oração, da penitência e do sacrifício, das almas consagradas. Quero novamente sublinhar — e esta é também a intenção do Papa — o dinamismo e eficácia missionária que nasce da vida contemplativa.

Talvez aqui, na fidelidade radical a Jesus Cristo e seu Evangelho, na assimilação profunda das bem-aventuranças, na disponibilidade absoluta de viver na "sinceridade do amor" (Rom 12,9), em todas suas dimensões e exigências (Deus e o homem, contemplação e cruz, imolação e serviço), esteja a verdadeira essência da dimensão missionária da Vida Consagrada.

Viver no espírito das bem-aventuranças é assimilar profundamente a alma missionária de Jesus. É entrar numa profunda experiência de Deus e das urgências de seu Reino. É descobrir o grito dos homens que anseiam e esperam a salvação. É sentir a imediata urgência de iluminá-los na fé, de animá-los na esperança, de salvá-los na caridade de Cristo que morreu pela salvação de todos os homens,

Quem vive a fundo as bem-aventuranças não se sente isoladamente feliz; tenta fazer felizes os outros. E sabe que a verdadeira felicidade reside na cruz salvadora de Jesus Cristo.

Quem vive a fundo e seriamente as bem-aventuranças manifesta claramente ante todos os fiéis que os bens celestes já se acham presentes neste mundo, testemunha a vida nova e eterna conquistada pela redenção de Cristo, prefigura a futura ressurreição e a glória do reino celestial (L.G. 44). Tudo isto forma parte essencial da dimensão missionária da Vida Religiosa.

É tal a força missionária da Vida Consagrada que o Concílio diz: "Desde a período de fundação da Igreja promove-se com zêlo a vida religiosa. Esta não apenas traz à atividade missionária auxílios preciosos e indispensáveis, mas por uma consagração mais íntima a Deus feita na Igreja, também com clareza manifesta e significa a íntima natureza da vocação cristã" (A.G. 18).

Viver as bem-aventuranças é assimilar a alma pobre e misericordiosa de Jesus, sentir com Ele a fome e sede de Justiça verdadeira, comprometer-se a ser desde o silêncio da cruz verdadeiros operadores da Paz, ter o coração puro e reto para ver a Deus, saborear a fecundidade da perseguição pela justiça. Ampliam-se assim os horizontes da caridade e o Reino de Deus se abre para a redenção de todos os homens de boa vontade.

Como proceder para que a Vida Religiosa viva com intensidade e alegria sua dimensão missionária?

Assinalamos três coisas:

a) Ter uma intensa **experiência de vida de oração:** que nos ajude a penetrar profundamente o plano salvífico universal do Pai, a missão redentora de Jesus o "Enviado do Pai" para a salvação do mundo, a atividade incessante recriadora e santificadora do Espírito Santo. Nos

momentos fortes de silêncio e oração contemplar a figura de Jesus, o Missionário e Profeta, o Salvador, e assimilar profundamente seus ensinamentos, particularmente o Sermão da Montanha — as Bem-aventuranças — as Parábolas do Reino e os Dircursos da Ultima Ceia.

b) Descobrir cada vez mais profundamente o **Mistério da Igreja,** "Sacramento universal de salvação", em sua essencial natureza e urgência missionária hoje. Sentindo por um lado o mundo universal de Cristo: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos" (Mt 28,19), por outro, a angustiante soledade e espectativa dos povos que nos gritam: "Como posso entender, se não há quem mo esplique?" (At 8,31).

No interior desta Igreja penetrar cada vez mais profundamente no dinamismo missionário e evangelizador do próprio ser religioso, da identidade específica e do carisma original, como particular modo de seguir radicalmente a Jesus Cristo, viver as bem-aventuranças e proclamar constantemente o Reino.

c) Formar **comunidades autênticas** das quais só a presença seja um sinal evidente da chegada do Reino e um sereno convite à fé. Comunidades caracterizadas pela alegria e sensibilidade da caridade fraterna, por um verdadeiro sentido de oração e fecundidade contemplativa, por particular presença do Espírito de comunhão evangelizadora e de dinamismo missionário. Parece-nos chamá-las "comunidades pascais", é dizer, comunidades pascais donde se experimenta a presença viva e operante do Cristo Pascal e a oração transformadora do Espírito de Pentecostes. São essencialmente comunidades orantes, fraternas, missionárias.

Conclusão

Para finalizar, evoco a figura de Maria Santíssima, princípio e figura da Igreja missionária. O poder do Espírito Santo a cobriu misteriosamente na Anunciação e no Pentecostes. Sua interioridade contemplativa e sua plenitude de fé, seu caminho de esperança na Visitação e sua generosidade de serviço integral, sua imolação gozosa na cruz, seu espírito de comunhão e de espera na oração no Pentecostes, inspiram o dinamismo evangélico da Igreja e iluminam fortemente a dimensão missionária da Vida Consagrada.

Em Maria nasce a Palavra. Ao entregá-la, na Visitação, no Nascimento e no Templo, Ela a guardava cuidadosamente em seu coração (Lc 2,19-51). No momento culminante do Mistério Pascal do Filho, quando Cristo reconcilia o mundo com o Pai pela morte da cruz e dá sua vida para a redenção de todos, Maria está ali, serena e forte, cooperando com seu silêncio e seu martírio interior a obra redentora de Jesus Cristo. O Pentecostes marca o começo da Igreja missionária: seu espírito de comunhão na atitude contemplativa e sua esperança nascida da cruz, farão que os Apóstolos, os primeiros missionários, andem por todos os lugares a pregar o Evangelho do Reino (Mt 16,20). Testemunhem até os confins da terra a ressurreição (At 1,8; 2,32; 4,33) e sua palavra seja recebida com Palavra de Deus, ain-

da no meio de muitas dificuldades "com a alegria que dá o Espírito Santo" (1 Tes 1,6).

No Coração de Maria, a do silêncio comtemplativo, a da cruz carregada de esperança, a da entrega serviçal e redentora, a privilegiadamente amada pelo Pai e consagrada pelo Espírito, a Mãe de Cristo e da Igreja, desejamos também agora a responsabilidade e a graça da dimensão missionária das almas consagradas.

Duas citações

Primeira. Os Religiosos têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo de seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa de Deus e chamada à santidade. É desta santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças, Evangelli Nuntiandi, 69. **Segunda.** Os Religiosos, por seu estado, dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças, Lumen Gentium, 31.

O carisma se opõe à instituição?

A questão se reduz ao exercício prático do poder e da participação na Igreja. Hoje o carisma é uma dimensão essencial do Povo de Deus. Isto significa que alguma coisa mudou na prática do poder e da participação na Igreja. A Igreja foi vista como **Corpo Mistico.** Depois, a Igreja se tornou **Povo de Deus.** Mistério e Povo relativizam a instituição. O poder e a autoridade são um **serviço.** O Povo é portador de um ministério específico. O sacerdócio comum dos fiéis é uma realidade fundamental na Igreja. O Povo não é só destinatário. É também e, quem sabe, sobretudo sujeito de sua história, de sua evangelização, de sua catequese. Carismática será a Igreja que sempre nasce e renasce do povo pelo poder de Deus e se organiza em comunidades, ministérios e serviços, ampliando a base de participação. Numa Igreja onde todos são sujeito da história da salvação, o carisma não é privilégio. Não é extraordinário. É dinamismo de todos. A Igreja se renova quando encontra esta base de responsabilidade ampliada. Como se vê, o carisma é um dos princípios permanentes de articulação e de ordem na Igreja. Nunca será um espaço espiritual de manobra onde se pode mexer e transitar com liberdade sem os entraves da "instituição" e ao largo dos sistemas burocráticos.

A DIMENSÃO CARISMÁTICA DA IGREJA

"Não extingais o Espírito.
Não desprezeis as profecias.
Discerni tudo e ficai com o que é bom".

1 Tes 5, 19-12

Pe. Cleto Caliman, SDB
Belo Horizonte, MG

Não muito tempo faz os termos "carisma" e "carismático" sugeriam a lembrança de algum taumaturgo, de algum fundador de família religiosa ou nos reportava à experiência pentecostal da Igreja primitiva. Nos casos mais radicais ligavam-se a movimentos "heréticos" que pregavam uma nova "era do Espírito".

Os tempos mudaram. Hoje encontramos esses termos nos livros de teologia, em documentos do magistério eclesiástico e já têm seu lugar assegurado na opinião pública da Igreja. Como se explica isso? Uma transformação na linguagem não se explica por si mesma. Ela reflete uma mudança mais profunda na mesma experiência do Povo de Deus.

A mudança é sempre provocadora. Novas experiências fazem sentir o gosto da liberdade de criar, de quebrar amarras e preconceitos. Elas abrem perspectivas novas em viver e refletir a fé. Tudo isso provoca reações por parte dos que, pela sua posição na organização da Igreja, são responsáveis pelas instituições. Está formado o clima para o conflito.

O que para alguns se chama criatividade, espontaneidade, liberdade de espírito, ação do Poder de Deus no meio do povo, que suscita a diversidade de dons e respostas às exigências da vida, para outros aparece como causa de "perturbação", "desordem" e "transgressão".

Onde, então, age o Espírito? Terá ele manifestações contraditórias? O carisma opõe-se às instituições? São algumas das questões a que não se pode fugir. Não pretendemos oferecer resposta a todas. Apenas propomos algumas reflexões que sirvam de estímulo ao discernimento eclesial.

Nossa hipótese de trabalho é que estamos diante de uma questão da prática do poder e da participação na Igreja. Atualmente a prática do poder e da participação na Igreja católica especificamente oferece margem para o pluralismo de experiências e interpretações dos carismas. Neste assunto temos que enfrentar ainda a influência do dualismo, temos que expressar claramente que falamos do Espírito de Jesus Cristo e não de qualquer outro e, por fim, estabelecer os princípios do ordenamento carismático da Igreja.

1. Nossa hipótese: uma questão de prática do poder e da participação na Igreja

Segundo alguns, os carismas devem ser "integrados" numa ordem jurídico-institucional da Igreja. Segundo outros, eles constituem o mesmo princípio fundamental da ordem eclesial. A esse princípio se subordinam a dimensão sacramental e jurídico-institucional. Essas duas posições são indicativas de uma visão diferente da prática do poder na Igreja.

Vamos partir da observação de que na história da Igreja encontramos momentos diferentes na interpretação da função dos carismas. Num momento de forte concentração do poder eclesiástico nas mãos da jerarquia, especificamente do papado, os carismas são interpretados como dons extraordinários concedidos a pessoas privilegiadas, que em geral pertencem à jerarquia ou estão de certa maneira ligadas a ela. Basta ver a lista dos santos em certos períodos históricos. O papel destes "carismáticos" é explicado como providencial: para salvar a Igreja de uma grave crise. Os "carismáticos" que não se enquadram nos conceitos da prática do poder vigente são considerados "herejes".

Outra é a compreensão do fenômeno num momento de tomada de consciência da liberdade originária do Povo de Deus. Relativiza-se a instituição e sua representação. Põe-se à mostra nas limitações, seus defeitos, suas fraquezas e suas alianças espúrias. Descobre-se uma Igreja também ela pecadora e, como tal, obstáculo à pregação da fé e a uma vivência evangélica radical.

Concretamente, pois, a questão se reduz ao exercício prático do poder e da participação na Igreja. Essa prática do poder e da participação (ou não participação) produziu historicamente no Povo de Deus uma divisão entre Igreja oficial ou clerical e Igreja popular (catolicismo oficial e popular), entre os que detêm o poder e os que estão sujeitos

a esse poder, entre os que sabem e os que não sabem.

Mas se hoje falamos de carismas como uma dimensão essencial do Povo de Deus é porque alguma coisa mudou na prática do poder e da participação na Igreja.

2. Quando foi possível falar de carismas na Igreja?

A máxima concentração de poder na Igreja verifica-se no Concílio Vaticano I, quando a multiplicidade de dons e carismas foi reduzida praticamente ao único carisma da infalibilidade papal (1). Só foi possível corrigir essa visão unilateral do exercício do poder e da autoridade na Igreja no Vaticano II. Entre os dois concílios foi nascendo a consciência de que era possível modificar essa prática do poder. Falou-se primeiro de Igreja "corpo místico", depois de Igreja "Povo de Deus". Ampliando-se a compreensão da Igreja como mistério e povo, relativiza-se conseqüentemente a instituição. Iniciou-se, além disso, um processo de participação dos leigos na missão da Igreja. Enfim, pode-se dizer que se criou um espaço para uma opinião pública na Igreja, onde repercutem as novas experiências. Ao lado disso foi sendo aos poucos golpeado o bloqueio doutrinal.

O Vaticano II interpretou o exercício do poder e da autoridade como **serviço**, num quadro de maior participação; primeiro, valorizou o papel dos bispos e ministérios auxiliares, ampliando as bases do exercício do poder ministerial; segundo, definiu o Povo de Deus como a realidade fundamental da Igreja e portador de um ministério específico, ou seja, o sacerdócio comum dos fiéis.

O eixo da eclesiologia clássica se desloca da instituição para o Povo de Deus, da Igreja universal para a Igreja local. O espaço de liberdade aberto no interior da Igreja torna possível transformar a prática do poder. Muitas iniciativas de renovação antes reprimidas encontraram seu lugar e seu direito de existir.

Certamente ainda teremos que caminhar muito para adequar a prática do poder na Igreja aos postulados do Vaticano II, mas já foi muito descobrir que o Povo de Deus não é mero destinatário das mensagens que a jerarquia lhe transmite, mas é ele mesmo o sujeito de sua história, de sua evangelização e de sua catequese.

3. Duas interpretações dos carismas hoje

O novo clima de liberdades públicas na Igreja ofereceu condições reais para que novas experiências se apresentassem. O Vaticano II forneceu para isso a devida base de legitimação. Foi o que aconteceu, até de maneira especial, com a doutrina dos carismas (2). Entre outras interpretações acenamos a duas que parece representam melhor as tendências no momento: primeiro, à interpretação "entusiasta"; segundo, à interpretação "histórico-profética" dos carismas.

3.1. A interpretação "entusiasta" dos carismas

Por "entusiasta" entendemos aquela experiência religiosa emotiva que leva o sujeito para fora de si mesmo, faz com que ele entre "em trânsito", assumido pelo espírito. O sujeito não é mais conduzido pela razão, mas pela emoção. A pessoa deixa de ser assim o centro autônomo de decisão (3). Esse tipo de experiência religiosa encontra hoje repercussão dentro da Igreja católica através do "despertar religioso" dos chamados "Movimentos de Renovação Carismática", isto é, do neopentecostalismo católico (4). As observações em curso referem-se especificamente a esta experiência entusiasta católica.

O neopentecostalismo católico, pelas suas origens abastadas, como subproduto das sociedades tecnicamente mais desenvolvidas, pode ser considerado um fenômeno do âmbito da "contracultura". Antes, pois, de apontá-lo como fator de renovação eclesial seria mais exato interpretá-lo como sintoma, primeiro, de uma crise não enfrentada na sociedade abastada; segundo, de dificuldades motivadas pelas mudanças institucionais dentro da Igreja.

Não é sem motivo que tais grupos se caracterizam por uma recusa de lutar em favor de uma mudança social e, como conseqüência, pela volta ao pequeno grupo como lugar de refúgio e ao mesmo tempo de satisfação das necessidades religiosas. O ambiente de euforia proporciona uma emocionante experiência psicológica de estar possuído pelo espírito.

Não se nega **a priori** que possam acontecer fatos de natureza carismática. Todavia, o uso que o "despertar religioso" católico está fazendo da linguagem dos carismas, por não exprimir a dimensão fundamental da Igreja enquanto carismática mas apenas a visão particular deste grupo, é no mínimo ambíguo. Esta visão unilateral e esta apropriação da linguagem geral da Igreja não está ajudando a perceber com clareza onde realmente age o Espírito hoje.

Esse tipo de experiência religiosa transmite uma visão parcial de nossa relação com Deus, como se ela se realizasse numa esfera especial, diversa da vida de cada dia, da história, onde o maior dom, que é a caridade, deve ser exercitado com toda a humildade. O mesmo Paulo, que primeiro empregou essa linguagem, faz questão de distanciar-se de uma interpretação "entusiasta" dos carismas. Ele referia-se não a um espírito de euforia, mas ao Espírito de Jesus Cristo morto e ressuscitado, na lógica da encarnação. Uma visão romântica da "era do Espírito" pode ser um novo ópio do povo (5).

3.2. Uma interpretação histórico-profética dos carismas

Dizemos que essa segunda interpretação é histórica porque pretende situar os carismas no solo da história e da realidade vivida do Povo de Deus, com objetividade e realismo. Dizemos que é profética porque pretende, tendo como ponto de partida a mesma realidade e não outro mundo idealizado e separado, anunciar a novidade da vida segun-

do o Espírito e denunciar as articulações do mal no mundo. Interpreta-se a vida como missão, tarefa, compromisso histórico. Sem dúvida, quando Paulo dizia que a caridade é o maior dom exercido no Espírito de Jesus Cristo, ele apontava nesta direção.

Existe atualmente uma forte tendência de elaborar uma compreensão da Igreja não simplesmente de uma doutrina mas sobretudo de uma prática eclesial. Essa apreensão da realidade no horizonte da fé implica na superação de um esquema meramente explicativo e doutrinal da prática eclesial e na adoção de uma estratégia de ação para transformar a realidade. Neste contexto, o carisma é concebido como força de transformação: seu poder transgride uma "ordem" histórica que atrapalha em vez de ajudar o Povo de Deus caminhar (6).

Neste caso, o mesmo conceito de carisma liga-se a todo um processo de busca de novos rumos e não mais está a serviço da conservação e da segurança da instituição. Carismática será a Igreja que sempre nasce e renasce do povo pelo poder de Deus e se organiza em comunidades, ministérios e serviços, ampliando a base de participação (7).

Numa Igreja do Povo de Deus, onde todos são sujeitos da história da salvação, o carisma é uma força de mobilização presente em todo o corpo eclesial, sem privilégios. Sendo de todos, o carisma deixa de ser algo extraordinário, para ser um dinamismo profundo que move todos os fiéis. Renovar a Igreja deixa de ser algo privativo da classe clerical para encontrar uma base mais ampla de corresponsabilidade no Povo de Deus. Só assim vida cristã, sinais e instituições poderão ter uma renovação real. Só então será possível afirmar que os carismas, como concretizações do poder do Espírito, constituem um dos princípios permanentes da articulação e da ordem na Igreja.

Usando uma fórmula breve e concisa, poderíamos dizer que a Igreja nasce carismática, especifica-se como sacramental e se articula de maneira institucional e jurídica. O primeiro elemento é o mais importante. A ele se subordinam as dimensões sacramental e jurídico-institucional da Igreja (8).

4. Onde situar a diferença entre as duas interpretações?

Para adiantar um pouco na reflexão é preciso ver onde está a diferença entre as duas interpretações e depois perguntar se é possível estender uma ponte entre ambas. É importante colocar essa questão, para evitar que as duas experiências se distanciem demais uma da outra.

Aqui se situa uma dupla preocupação: primeiro, de valorização da diversidade de experiências que se fazem dentro da Igreja hoje; segundo, de incentivo à unidade eclesial. Gostaríamos de assinalar, porém, que tal preocupação não pode nascer de um zelo autoritário, mas de uma busca comum do caminho a seguir.

Não acreditamos que a diferença entre as duas interpretações seja uma questão de mera doutrina. Esta é produto e não causa. Mesmo inspi-

rando-se na mesma fé e lendo os mesmos textos doutrinais, o lugar social e a prática de vida que determinam a interpretação são diferentes.

De um lado, temos a interpretação entusiasta do neopentecostalismo católico, nascida no contexto urbano-industrial dos países ricos precisamente dos Estados Unidos. Sua descoberta dos carismas chega pelo caminho da rejeição, explícita ou não, da sociedade de consumo e do sentimento insegurança diante da instituição eclesial. Isso leva ao pessimismo e produz um sentimento de incapacidade de transformar a realidade. A atividade desses grupos entusiastas desvia-se para um outro mundo e tende a se esgotar na criação de um "espaço espiritual" de manobra, onde podem mexer-se e transitar com espontaneidade e liberdade, sem os entraves institucionais da Igreja e ao largo dos sistemas burocráticos opressivos.

Apesar disso, é preciso prestar atenção para não julgar tais movimentos meramente como desvios, sem perguntar pela situação da vida dos que os freqüentam, sem procurar compreender sua atividade religiosa a partir deles mesmos. Nesta perspectiva há uma lógica, uma vez que ali se oferece ao homem da sociedade urbano-industrial um espaço terapêutico importante. Neles realiza-se uma catarse grupal em busca daquela sanidade fundamental que a sociedade e a mesma Igreja, enquanto instituição histórica e limitada, no momento não lhes asseguram. Enfim, constituem uma defesa de uma agressão altamente racionalizada, sofisticada e controlada pelos sistemas burocráticos vigentes. Já é o momento de nos perguntarmos seriamente o que significa isso.

Por outro lado, encontramos aqueles que, mesmo concordando que a vida não pode ir para frente sem um mínimo de satisfação de desejos e sem uma esperança, julgam que ela não pode reduzir-se a esse "espaço espiritual" de manobra, enquanto a realidade grita e clama por uma atividade transformadora. Os tempos estão maduros. É preciso trabalhar para que tenhamos um futuro mais humano. Por conseguinte, os que interpretam os carismas numa linha histórico-profética concordam que devamos dar uma resposta de fé à situação. Mas, segundo eles, tal resposta não pode situar-se meramente em palavras e proclamações. Ela deve nascer da vida (9). Há que enfrentar a vida e seus conflitos, suas tensões.

Numa história de justos e pecadores, de pobres e ricos, de oprimidos e opressores, não cabe mais o artifício de dividir a realidade em dois andares, um "aqui" e um "além", tentando vencer as contradições históricas combatendo uma "guerra mágica" num "espaço espiritual" de manobra. Na perspectiva histórico-profética os carismas não são armas para combater essa "guerra mágica", mas dinamismos do Espírito para enfrentar a tarefa da construção do mundo novo no centro da vida dos homens.

5. Como camuflar preconceitos dualistas

Atualmente, apesar da disposição geral de usar uma linguagem reno-

vada ou mesmo progressista, que tenta explicitar uma vontade de aderir a uma prática libertadora da fé, não se pode esconder a impressão de estarmos editando de novo o velho dualismo que fala de outra coisa que não da história. Gregos e troianos usam hoje a terminologia da "teologia da libertação", sem falar de libertação. Ou simplesmente falam de libertação sem explicitar o seu sentido.

Podemos hoje tranqüilamente levar adiante a velha "guerra mágica", sem que com isso alguma coisa se modifique realmente. Por outro lado, a alternativa sugerida é tentadora: lançar-se numa luta histórica, limitando o compromisso ao nível da atividade, sem descortinar seu horizonte último e sem proclamar o seu sentido humano e cristão.

Colocando as duas posições frente a frente poderemos perceber melhor o que elas revelam e o que elas escondem da realidade da Igreja. Em geral, para salvaguardar a pureza da doutrina, a teologia tradicional usa a distinção entre o nível teológico e histórico. Gostaríamos de fazer perceber que conforme o uso que se faz desta distinção pode-se conservar o dualismo tradicional ou superá-lo.

5.1. Uma interpretação **teologicamente pura** da dimensão carismática da Igreja é abstrata e distante dos acontecimentos do dia a dia. O momento da fé pura, se é possível falar assim, apreende o aspecto da unidade e da ordem perfeita projetada na história a partir de um ponto absoluto, que é Deus, sem explicitar a mediação histórica do acontecimento. Tal momento, porém, só existe realmente na mediação sacramental da história, na esperança. Ele existe no sinal da fé historicamente posto e vivido. A percepção da vida em nível meramente simbólico conduz a uma conversão também neste nível. Não envolve ainda o plano das articulações históricas concretas. Essas continuam seu livre curso, sem serem perturbadas. Os donos do poder até que gostam desta postura religiosa!

Esta posição ao mesmo tempo que revela uma verdade: a Igreja é santa, esconde uma outra: a Igreja é também pecadora. É uma interpretação fideísta. Apreende a interpretação fora da situação que a tornou possível. Faz da interpretação da fé uma realidade separada, apreendida idealisticamente pela vontade.

5.2. Mas não só a interpretação teológica pura conserva no seu bojo o dualismo tradicional. Também uma interpretação **histórica pura** não consegue escapar desta acusação. Colocando o poder do Espírito e os carismas no centro mesmo da realidade histórica, essa abordagem desvenda, desmascara crua e realisticamente as dimensões do mal e do pecado na instituição eclesiástica. A análise revela as contradições e os conflitos que escondemos por trás de patéticos apelos à unidade, à conversão, à concórdia, à harmonia, à fraternidade, à corresponsabilidade. No entanto sabemos que, muitas vezes, dons e carismas são manipulados e compreendidos, em nome do Espírito, numa lógica de poder exclusivista, autoritário, egoísta e opressor.

Aqui também, como acima, esta visão analítica da Igreja é unilateral. É verdade que ela mostra como a instituição eclesiástica pode cair na tentação de articular-se pecaminosamente. Essa visão mostra a limitação e a divisão no corpo da Igreja. Mas ressalta destas considerações que uma visão meramente histórica da Igreja nos deixaria sem perspectivas de esperança. Não saberíamos o que fazer com a fé em Jesus Cristo. Passaríamos a crer só em nossas próprias forças. Cremos que essa tendência constitui uma tentação real na Igreja hoje.

Ficamos com uma pergunta: como articular as duas perspectivas, ambas essenciais, história e fé, para a realização da Igreja, num esforço de criar uma base histórica real da esperança cristã?

6. A esperança que nasce da história do Povo de Deus pelo poder do Espírito

O enfoque teológico exprime a Igreja como aliada do poder de Deus. Ela é santa. O enfoque histórico revela uma instituição que é capaz de se aliar com os poderes deste mundo. Ela é pecadora. À primeira vista isto constitui um impasse. Como superar a distância entre a Igreja na sua figura histórica e o que ela devia ser pelo poder de Deus? Temos que relacionar história e sua interpretação na fé, tendo como critério Jesus Cristo.

6.1. História e teologia não se contradizem. Enquanto a história é o lugar onde o Povo de Deus cria ativa e eficazmente as condições de sua sobrevivência, organizando serviços, construindo a cidade humana, alimentando a esperança, a teologia tem como função desvendar o sentido profundo de toda essa atividade. O Povo de Deus se descobre como sujeito de sua história. O que ele realiza é percebido em sua radical e última relação com o poder de Deus presente já na história de Jesus Cristo.

6.2. Jesus Cristo realiza em sua vida a união entre espírito e carne, carisma e história, de uma forma dinâmica e combativa: na mediação de sua prática de vida. Sua vida, paixão e morte tornou-se critério para discernir tanto os acontecimentos e atividades geradoras de **esperança,** quanto as interpretações dos dons e carismas que têm força de alimentar essa mesma esperança dos homens. O sofrimento de Jesus não esteve ligado a nenhuma "guerra mágica", mas a uma luta real pela superação do mal. Para isso ele liga fatos, interpreta-os, produz solidariedade entre os atores dos fatos, constrói dinamismos de comunicação da verdade prática da vida. Este é o papel do carismático.

6.3. O papel do Povo de Deus, enquanto criação do Espírito é gerar acontecimentos transformadores da realidade; é anunciar o que os acontecimentos dizem de si. Se todo o Povo de Deus participa ativamente na geração dos fatos, se todo ele anuncia o que os fatos dizem de si, todo ele é carismático, isto é, todo ele é sinal do poder do Espírito.

Portanto, para compreender o que significa dizer "Igreja carismática" é preciso perguntar, primeiro, pela ação do Espírito de Deus na vida

do povo e, segundo, como esse mesmo povo vive ativamente essa força de Deus na sua caminhada, em resposta às exigências da realidade.

7. Nós falamos do Espírito de Jesus Cristo

Na origem da Igreja está o Espírito de Jesus Cristo e não de qualquer outra personalidade histórica. Por isso, os carismas são concretizações humanas, força do Espírito a partir de Jesus Cristo.

Os primeiros cristãos entenderam que a comunicação do Espírito era o dom do fim dos tempos, o dom maior. Essa interpretação não é gratuita. Ela se baseia na experiência de que o que lhes acontecia tinha fonte em Jesus Cristo, morto e ressuscitado pelo poder de Deus. Assim como o Espírito gerou nele uma esperança real e verdadeira para os pobres e marginalizados do tempo, da mesma forma, em continuidade com o mesmo compromisso, faz nascer a mesma esperança para todos os pobres e marginalizados.

A Igreja nascente compreendeu-se como a articulação desta esperança, um sinal, um sacramento. Por isso ela não se fechou em pequenos grupos, mas saiu para o campo aberto da cidade, lugar da tensão e do conflito, mas também lugar do poder e da comunicação. Era também o lugar onde se poderia transformar a prática do poder e da participação.

Hoje a Igreja recobra essa consciência encarnatória, reconquista sua consciência profética. Hoje é urgente refletir sobre a articulação do poder e da participação dentro da Igreja, mas numa nova perspectiva, apontada pelo Vaticano II e pelas novas experiências de Igreja popular em nosso continente. Como compor hoje a **diversidade** e a riqueza multiforme das Igrejas locais e dos grupos ou comunidades cristãs, com a diversificação dos ministérios e serviços, e a necessária **unidade** da fé?

8. O ordenamento carismático da Igreja

Os frutos do Espírito recebem de Paulo o nome de carismas. Por parte do Espírito o carisma é dom gratuito, é graça. No cristão e na comunidade é vocação concreta para responder às exigências da vida.

Numa época de tanta criatividade eclesial como a que vivemos hoje é lógico que se pergunte por critérios ou princípios de discernimento ou verificação dos carismas. Esse é um debate que deverá ser levado adiante. Por isso falamos de "princípios do ordenamento carismático da Igreja" (10), no intuito de superar visões particulares. Esses princípios podem ser assim enunciados:

1) Princípio da **finalidade**: o exercício dos carismas deve visar não a satisfação das necessidades religiosas dos indivíduos ou dos grupos, mas o bem comum, a edificação da Igreja e a realização de sua missão no mundo.

2) Princípio da **encarnação**: o bem comum, a edificação e a missão da Igreja não se realizam num lugar reservado ou separado, mas na

vida, onde o carisma se torna força criativa do homem segundo o Espírito de Deus.

3) Princípio de **criatividade**: o Espírito não pode ser contido por uma camisa de força, nem a instituição eclesial deveria se comportar e ser entendida como tal. Sua função é de ampliar a eficácia histórica dos carismas. Quando uma articulação histórica da Igreja além de não conseguir canalizar o dinamismo dos carismas, ainda impede que manifestem sua força e vigor, deve ser transformada.

4) Princípio da **comunhão**: o exercício dos carismas deve ser feito com grande sentido de busca e convergência, mesmo que se defrontem pessoas ou grupos de visões diferentes. Há um ecumenismo a ser pregado e vivido não só em relação a outras denominações cristãs mas também em relação a grupos dentro da Igreja. A comunhão cristã não esconde as diferenças, mas deve ser fruto de uma conversão real.

5) Princípio do **discernimento**: como todos estamos aprendendo caminhar segundo o Espírito é preciso saber ouvir outras vozes que não as do próprio grupo, é preciso "conferir" e verificar a autenticidade dos carismas. Que fale o Povo de Deus e que seus pastores o ouçam, provem o que é bom. Conforme o Vaticano II, o juízo de autenticidade dos carismas compete à jerarquia. Ela, porém, não é a última palavra. Ela deve estar atenta para não extinguir o Espírito.

Só o futuro nos dirá onde falou mais forte o espírito do homem e onde falou mais forte o Espírito de Deus. Importa estarmos todos atentos aos conselhos de Paulo: "Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias. Discerni tudo e ficai com o que é bom" (1 Tes 5,19-21).

NOTAS

(1) HASENHÜTTL, G., **Carisma, principio fondamentale per l'ordinamento della Chiesa,** Ed. Dehoniane, Bolonha, 1973, pp. 339-349. (2) Especialmente **Lumen Gentium,** 12 e **Apostolicam Actuositatem,** 3. (3) HEMMERLE, K., **Entusiasmo,** Sacramentum Mundi, Ed. Castelhana, 1972, pp. 594-596. (4) Sobre o assunto: **Concilium** 129 (1977); **Lumière et Vie 122 e 125** (1975). LAURENTIN, R., **Pentecostalismo entre católicos,** Vozes, 1977; CALIMAN, C., **O movimento de renovação carismática,** Atualização 87/88 (1977), 95-111. Brevemente na mesma revista sairá um boletim bibliográfico sobre Carisma e Carismáticos. (5) MOLTMANN, J., **La Chiesa nella forza dello Spirito,** Queriniana, Brescia, 1976, p. 389. (6) DUSSEL, H., **Diferenciação dos carismas,** Concilium 129 (1977), 42-59. (7) **Uma Igreja que nasce do povo,** SEDOC 7 (1975), referente ao primeiro Encontro de Comunidades Eclesiais de Base, em Vitória, ES. Significativamente o segundo Encontro completa a visão do primeiro: **Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus,** SEDOC 9 (1976). (8) SARTORI, L., **Estrutura do poder jurídico e carismas na comunidade cristã,** Concilium 129 (1977) 67. (9) BETTO, Frei, **Oração na ação,** contribuição à espiritualidade da libertação, Ed. Civilização Brasileira, 1977, pp. 25-30. (10) **Lumen Gentium,** 12 e AA, 3. Uma visão dos carismas no Vaticano II pode ser encontrada em HASENHÜTTL, G., **Carisma,** Bolonha, 1973; KÜNG, H., **La Iglesia,** Barcelona, 1967, pp. 182-216; SARTORI, L., **Carismi,** Nuovo Dizionario di Teologia, Ed. Paoline, Alba, 1977, pp. 79-98.

NO CENTRO OU NA MARGEM DOS ACONTECIMENTOS

"Num mundo ávido de riquezas, os Religiosos
viverão pobres, espiritual e realmente;
num mundo de violência e egoísmo, viverão
o amor a Deus e ao irmão com sentido de plenitude;
num mundo que se pretende construir à margem
de Deus, buscarão fazer em tudo a Sua vontade.
É muito desejável na América Latina
a implantação de numerosas comunidades contemplativas".

Frei Hugo D. Baggio, OFM
Rio de Janeiro, RJ

1. Em dia com a marcha da Igreja

A Igreja é um fenômeno universal, visível e concreto. Por isso, irrompe, sempre de novo, no meio dos homens, não só para dizer que ainda está viva, mas para convidar os homens a reverem suas posições. E esta missão crítica é de suma importância, uma vez que, com facilidade, o homem se deixa anestesiar pelo brilho do material que ele manipula e transforma em construções ou objetos. A Igreja recebeu a missão de convocar, sempre de novo, este homem a erguer seus olhos para valores eternos, de ordem espiritual, que não se opõem aos valores terrenos, nem os negam, mas os valorizam, colocando alma e espírito dentro do gigantesco arcabouço que o engenho e a arte humana plasmam, na sucessão das gerações.

Daí, a Igreja precisa fazer-se ouvir. Dizer aos homens a Palavra que recebeu. Gritá-la não só nas igrejas e lugares sagrados, mas levá-la a todos os agrupamentos humanos, para que a influência do Evangelho se faça sentir e penetre as instituições e as mentalidades dos

homens. Mas para que chegue, deve ser levada, pois já S. Paulo interrogava angustiado: como conhecerão a verdade se a não ouviram? E como a ouvirão se ninguém lha pregar? Por sua vivência na história, a Igreja marca, então, uma presença que obriga a tomar a posição. Por isso, o que sucede dentro da Igreja, em torno dela, é algo de repercussão histórica e interessa a todos os homens. De fato, assim está acontecendo. Mas uma coisa é ter interesse meramente curioso, como simples espectador, que se sente atraído por todo o noticiário do grande e convulsionado mundo, outra coisa é partilhar, participar, tomar parte, melhor: **ser parte** deste acontecimento. Ou melhor ainda: **ser acontecimento.**

Pertencer à Igreja, não é apenas sentir-se ligado à alma da Igreja, mas a concreção da Igreja também, aos homens da Igreja, à sua presença, como se a cada um interessasse, no sentido de responsabilidade total, tudo quanto esta Igreja faz e sofre, deixa de fazer e se omite. Cada um está no lugar que, segundo ele, Deus o colocou. Mas este lugar não se pode transformar em casulo, no qual me encerro para criar o meu mundo, num desligamento total ou parcial do resto da Igreja. Se formo minha Igreja Doméstica, não formo a Igreja, mas uma parcela viva, de uma vida que me vem do Corpo todo e vida que transmito ao todo. Isto é comunhão. Comunhão e comunicação nascem do mesmo radical **communicare**. Só comunga quem se comunica. E comunicação só existe enquanto existe o **outro**. E porque existe o outro existe a reciprocidade. Se um não quer dois não comungam. Se um não quer, dois não se comunicam. Deus sempre quer. Só o homem pode não querer. Corta assim a possibilidade do diálogo com Deus, atrapalha o diálogo com os outros. Raquitiza o crescimento total, porque impede o crescimento seu e do outro. Todo raquitismo individual pesa no conjunto.

O interesse é elemento importante na comunicação. Porque a palavra está a dizer **inter-esse**: estar no meio. Rodeado por. Cercado. Imerso na realidade. O interessado é o homem ligado. É o antônimo de por-fori-zado: aquele que se colocou na periferia. Que se marginalizou. Que virou espectador sentado na arquibancada. E Cristo disse: eu vos envio para o **meio** dos lobos. Para o lugar difícil e perigoso, arriscado e até fatal, que é sempre o lugar da responsabilidade. O cristão é fermento. Deve sumir no conjunto da massa, sem contudo perder sua força. Deve, em verdade, interessar-se, caso contrário não desempenha a missão de transformador. Se isso vale do cristão em geral, vale com maior gravidade para o cristão ilustrado, para aquele a quem foi dado conhecer o Reino dos céus, aquele para quem não se precisa falar em imagens e parábolas, pois o Espírito já se derramou nele e o capacitou a entender. E mais perentoriamente vale para aqueles cristãos que o Senhor chamou à parte, para, no silêncio de sua companhia, prescrutar as angústias do Filho de Deus em relação à salvação dos homens. "É bom estarmos aqui", mas é arriscado, porque o homem, tanto no

Tabor, quanto no Jardim das Oliveiras, corre o risco de pegar no sono. E enquanto dorme não toma conhecimento, e muito menos assume os acontecimentos que se desencadeiam ao seu redor. Não se dá nem conta de que o Cristo está sendo preso e torturado em mil irmãos dele, ali, à distância de um tiro de pedra...

Não será difícil concluirmos que somos chamados a estar presente nos acontecimentos da Igreja. Não basta rezar à distância. Nem descarregar a responsabilidade com a idéia de que há um grupo, em cada acontecimento, especialmente constituído para desencadear os fatos e levar a bom termo a tarefa. Não basta contentar-se também com a leitura dos resultados, quando é feita, ao aparecerem no final. Todo acompanhamento eclesial é implicativo, isto é, acontecimento que envolve, que compromete, que enreda, que leva a conseqüências. Na frutificação de um acontecimento eclesial, todos os cristãos estão empenhados, pois da universalidade desta consciência depende a universalidade das conseqüências. Deus provoca a errupção, mas entrega ao homem o controle da energia despertada.

Para sermos concretos, neste ano de 1978, no mês de outubro, acontecerá a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Celam), na cidade de Puebla, no México. Sobre este acontecimento quisera fazer algumas considerações, para que estivéssemos interessados antes, durante e depois, fazendo com que nossa presença seja ativa e dócil, para sentir o Espírito de Deus e gozar da graça da comunhão.

2. A Igreja da América Latina se reúne

O Vaticano II acordou o mundo para as realidades eclesiais diferentes, nas diferentes partes do mundo, dadas as diferenças do solo e clima, onde a semente do Evangelho foi levada pela Igreja, fazendo surgir uma diversidade de grupos, que têm direito a verem sua cultura respeitada. Neste particular, a América Latina apareceu numa nova luz, que começou a iluminar as reformas reclamadas e permitidas pelo Concílio, embora não se pudessem evitar os riscos, por vezes muito sérios e de conseqüências imprevisíveis. Descobriu-se — ainda que todos os sentissem há tempo — que o grande mal que esterilizava a AL era a opressão, em todos os níveis. Daí nasceu a Teologia da Libertação — com uma boa dose de crítica e enorme bagagem de análise e constatações, mas com remédios de ação passageira e epidérmica, pois a primeira fase de qualquer processo modificador é mais de pesquisa e coleta de dados, para depois partir para a aplicação dos remédios. Mas para haver a aplicação, precisa existir antes o remédio e para poder manipular um remédio precisamos conhecer muito bem a doença. Por isso, parece-me que neste particular, já fizemos bons progressos, mas estamos fundo ainda no campo da especulação, que por ora produz muita literatura, e pouca libertação real.

Em 1968, o CELAM reuniu-se em Medellín, na Colômbia, com a presença do próprio Papa Paulo VI, na tentativa de traduzir em termos latino-americanos o Vaticano II, produzindo uma série de documentos, acompanhando os documentos do Vaticano II, que continham as conclusões deste memorável encontro que, no dizer de Paulo VI, inaugurava um novo período da vida eclesiástica da AL. Hoje, passados 10 anos, sentimos que todo este esforço e os enfoques dados naquela hora continuam com pleno valor de um lado, mas algo esquecidos do outro. Parece que a totalidade que acompanhou e se empenhou na elaboração de Medellín não teve a mesma universalidade e tenacidade na aplicação do que se pedia naquele documento. Do valor real e do significado histórico de Medellín é prova eloqüente o **memorandum** de Teólogos alemães sobre a campanha contra a Teologia da libertação, onde são claros em reconhecer a posição do episcopado contra todas as formas de opressão, abrindo caminho corajoso para levar aos homens aquele grau de liberdade que toda pessoa humana reclama e que lhe é indispensável, para que se realize como filho de Deus (1). Sem dúvida, a luta tomou sentido, pois os horizontes da realidade foram aclareados e viu-se, ainda que com dor no coração, a real situação nossa. Mesmo que sejam aspectos negativos os que detectamos, é esta clareza que oferece possibilidades para um ataque. Os 10 anos que correram entre Medellín e Puebla formam "uma das décadas mais densas e complexas da história da Igreja na América Latina. Novas situações e novos desafios exigem recapitulação; obrigam a uma nova reflexão coletiva sobre o hoje da evangelização em prospecção dinâmica rumo ao ano 2000" (2). Toda pastoral, aliás, reclama sempre uma reformulação, como o reclamou já nos tempos de Pedro e Paulo, pois atrás da pastoral está sempre um plano e o conseqüente risco de achar que o plano já é a pastoral ou outro risco de esquecer ou desdenhar o plano, vivendo numa contínua busca do "que e como" fazer. Uma e outra formas, espalhafatosas, mas sem possibilidades de enraizamentos. A recapitulação ou a reformulação fazem-se, assim, necessárias.

Sendo assim, achamos que Puebla se fazia necessária, nesta altura da história, e está em condições de fazer um retrato mais acabado das necessidades da AL, pois o entrechoque destes 10 anos revelou extremismos, mas clareou também pistas que podem ser assumidas, com a coragem e o assombro, reclamados nos momentos chaves da história. Fora de toda a dúvida, há uma conscientização bem mais generalizada que há 10 anos, o que permite que os apelos encontrem melhor ressonância e as conclusões possam ser melhor concretizadas. Mas, sobretudo, espera-se que se encontrem meios de esclarecer equívocos, de retomar certos valores, cujo abandono produziu fraturas no organismo da Igreja, fraturas que devem — e podem — ser refeitas, porque sem esta reconstrução não se atingirá a unidade e sem unidade não se chegará aos objetivos. Esta a razão porque a reunião de Puebla,

não é simplesmente mais uma conferência, um encontro do episcopado latino-americano, mas ainda uma hora da graça, porque o diálogo continua sendo o instrumento que reúne homens em torno de uma mesa, diante de um amontoado de problemas e os leva a um jogo aberto e exame franco. Daí, é fonte de esperanças. Quem nela está. Quem nela confia. Quem nela será estudado. Para todos é a hora da esperança. Charles Rivel, um palhaço de fama internacional, numa entrevista dada à revista VIDA NUEVA, entre as muitas perguntas que respondeu, havia uma sobre a Igreja do Vaticano II, que ele sabiamente respondeu: "Diria que ela lavou seu rosto. Destarte ela aparece, por fora, tão jovem, como de direito lhe compete".

"Lavar o rosto", bela definição de toda renovação eclesial. Na Igreja não há velhice. A juventude não lhe vem de fora. Ela traz em si toda força e vigor, próprios da idade jovem, que se adata com facilidade, se refaz com rapidez, se restabelece num piscar de olhos. Nem é atingida pela velhice, porque seu organismo não se deixa nunca vencer pelo desgaste ou cansaço. Toda a velhice é uma aparência. Uma questão de epiderme. É a poeira dos tempos, as poluições das idéias, os congelamentos das formas institucionais, bem como os dissolventes destas mesmas formas, que chegam a negar a própria instituição, como registra o citado documento em preparação à Terceira Conferência do CELAM. Se o Vaticano II tomou como tarefa lavar o rosto de toda a Igreja, às Conferências dos Bispos de todo o mundo cabe o papel de lavar parte deste rosto. Para sermos fiéis a esta imagem devemos reconhecer que o ato de lavar não é difinitivo, enquanto a Igreja peregrina na história. Terá ela que deixar-se lavar muitas vezes, na totalidade ou parcialmente. Benéficos, pois, todos os momentos em que a Igreja, na humildade com que Cristo a cingiu, se reconhece de rosto manchado e aceita ser lavada. Assim, pode aparecer "sem ruga e sem mancha" na frente da história, para aceitar os desafios e mostrar que ela possui uma eternidade que paira acima das transitoriedades, dentro das quais o homem se debate.

3. Convite aos Religiosos

O documento de consulta distribuído às Conferências Episcopais fala duas vezes da presença e da responsabilidade dos religiosos na Evangelização, no presente e no futudo da AL. A primeira vez, na 2ª parte, um tanto incidentalmente, quando fala do Espírito e da Igreja. Ao tocar na constituição da Igreja fala **elites cristãs,** criticando que não compreenderam plenamente a grande massa do povo, pois a consideram carente de fé autêntica, o que, felizmente, vai sendo superado. Por isso, nesta hora, "é preciso medir o grau de vinculação e amor à Igreja por parte dos presbíteros e dos religiosos. Discernir a maneira como as elites eclesiais olham a Igreja e como apreciam os grupos carismáticos, os contemplativos e os pobres" (3).

Toca, aqui, o documento num ponto importante: a pertença à

Igreja, uma pertença amorosa e fiel. Se a observação é feita, sinal que, neste particular, há algo a desejar. Ora, se a Igreja não se sente amada por aqueles em que não só pode, mas deve confiar, por aqueles que por vocação do Pai são os chamados a um contacto mais próximo com os mistérios de Deus e com o povo de Deus, de quem poderá esperar amor? Resta, em verdade, esperar que no Encontro de Puebla se possam desfazer quaisquer dúvidas a respeito, a partir do testemunho do Episcopado, lá presente, que, em seu trabalho nas várias Igrejas, sente a pertença amorosa deste grupo de homens e mulheres consagrados ao serviço de Deus e da Igreja, que deram e continuam dando mostras de pertença à Igreja, de dedicação e de presença ativa, nos campos mais afastados e difíceis, onde Deus reclama semeadores de sua Palavra...

O acento principal a respeito dos religiosos, porém, o documento o coloca na terceira parte, quando fala da ação pastoral da Igreja, abordando os agentes de pastoral. Falando da situação dos religiosos, faz, por assim dizer três constatações:

a. **Situação:** "os religiosos e os que pertencem a institutos seculares vivem atualmente uma hora privilegiada, porém difícil, de sua história, face à sua missão evangelizadora" (4). Em verdade, um encontro realístico com as realidades históricas e a chamada para mais perto do evento salvífico e de maneira mais ativa obrigaram os religiosos a uma mudança de hábitos, que repercutiu no comportamento pessoal, gerando uma série de ambiguidades, dentro das quais se debate, ainda agora, a vida religiosa. Esta circunstância é "privilegiada" porque ajudou a desenterrar uma série de valores comunitários fechados em estruturas que levavam a um egoísmo disfarçado, mas ao mesmo tempo é "difícil", porque encontrou os religiosos despreparados, em vários setores, não lhes permitindo ver claro as dimensões e os contornos do campo e qual comportamento era exigido para não correr o risco de esvaziar o significado da vocação, para si e para a comunidade eclesial. Essa problemática é apresentada pelo citado documento nos aspectos positivos e negativos.

b. **Aspectos positivos:** "os aspectos postivos que, com maior ou menor intensidade, se percebem na atual conjuntura são: consciência cada vez mais explícita de que evangeliza não só pelo que fazem, senão sobretudo pelo que são: busca, pessoal e comunitária, de sua própria identidade na Igreja latino-americana, não só como consagrados, senão também como pertencentes a uma família religiosa peculiar; consciência do desafio a comprometer-se com o homem, mormente com os pobres; maior consciência eclesial e uma busca por descobrir seu próprio lugar na Igreja, em comunhão com ela. Florescem novas congregações religiosas autóctones, a serviço das necessidades locais da evangelização" (5).

c. **Aspectos negativos:** "deserções provocadas, entre outros motivos, pela falta de atualização ou porque esta se realizou de maneira precipitada. No compromisso evangelizador, radicalizações políticas em pessoas não capacitadas, nem ideoló-

gica nem pastoralmente, para enfrentar certos ambientes. A comunidade eclesial viu-se ameaçada por certo isolamento de alguns com o ministério hierárquico e com outros setores do Povo de Deus. As diversas visões eclesiológicas subjacentes provocaram posições conflitivas com relação à missão evangelizadora no campo ideológico e pastoral" (6).

d. **Reflexão.** Após a rápida apresentação dos aspectos positivos e negativos oferecidos pelo presente momento da vida religiosa, o Documento faz uma breve reflexão: "os que optaram carismaticamente pelo seguimento de Cristo na vida consagrada devem ser evangelizadores pelo seu próprio ser, antes de sê-lo pela sua ação. Graças à sua consagração, serão evangelizadores voluntários e livres, dando ao seu ministério de anunciadores do Evangelho essa originalidade e criatividade nascidas do Espírito.

"Em profunda colaboração com a Igreja, colaborarão fielmente com seus pastores na tarefa da evangelização, contribuindo com a riqueza de sua consagração e do carisma específico próprio suscitado pelo Espírito.

"Serão testemunhas, por seu próprio estado, de que o mundo só pode ser transfigurado e oferecido a Deus, segundo o espírito das Bem-aventuranças: anunciarão com a própria vida a plenitude do Reino de Cristo. Num mundo ávido de riquezas, viverão pobres, espiritual e realmente; num mundo de violência e egoísmo, viverão o amor a Deus e ao irmão com sentido de plenitude; num mundo que pretende construir-se à margem de Deus, buscarão fazer, em tudo, a vontade divina. É muito desejável na América Latina a implantação de numerosas comunidades contemplativas" (7).

Sobre estes aspectos arrolados pelo Documento, poderíamos fazer as nossas reflexões. Mas frente à exiguidade de espaço, queríamos chamar a atenção, apenas para dois tópicos:

Primeiro: "consciência cada vez mais explícita de que evangelizam não só pelo que fazem, senão sobretudo pelo que são". Realmente, corremos sério perigo neste tempo em que vivemos: construir obras, invadir até searas alheias para socorrer, resolver, ajudar, libertar, amparar, fazer ação social. E no afã de **fazer** não temos tempo de cuidar do **ser.** Isto leva a uma existência ambígua, fazendo com que o religioso, em vez de elevar o ambiente que o cerca, se deixa arrastar para baixo pelo próprio ambiente. É difícil perceber claramente os contornos e o embasamento evangélico da igualação. Estamos cientes da necessidade da vida interior, mas não sobra tempo para ela, porque somos sufocados pelos apelos da vida exterior. E sentimos, na própria carne, como é doloroso encontrar a fórmula que harmonize a ação e a contemplação.

Segundo: "é desejável a implantação de numerosas comunidades contemplativas na América Latina". É a solução para que o apontávamos acima: contemplação. Reconhecer a importância das comunidades contemplativas, é reconhecer a importância da oração no apostolado, que não pode ser um serviço pararelo ao que fazem as organizações políticas chamadas para resolver os proble-

mas das populações, mas deve ser um trabalho nascido no Evangelho e que leva o povo ao Evangelho e o Evangelho ao povo. Tarefa nada fácil, pois as ambiguidades da história geram comportamentos ambíguos. Só na oração, colocados na abertura ao Espírito, conseguiremos ver, com maior clareza, senão com toda, os caminhos a trilhar, os métodos a adotar, as soluções a apresentar. Quem mergulha no Evangelho para regar sua semeadura deparará com as noites do Cristo passadas na oração e sentirá, como se faz necessário aquele momento na intimidade que só o Pai conhece, local onde ele nos deixa aqueles recados, que fortificam nossas debilidades, confortam nossas decepções, enxugam nossas lágrimas, derramam luz na nossa obscuridade. Ali ele nos faz compreender a caminhada na história, dá forças contra a instabilidade, dureza e ingratidão daqueles com quem trabalhamos e por quem trabalhamos. Partindo desta contemplação e voltando a ela, contando com a oração de grupos dedicados integralmente a esta missão, provocaremos a transformação que resiste mais que um ambulatório, mais que uma creche, mais que uma escola, mais do que um clube, mais do que todas as obras que se possam erguer, porque sua durabilidade é circunscrita a um momento, enquanto que a transformação que nos é pedida é do próprio homem, com a durabilidade de todos os tempos, que deve, sempre ser atingido pela realidade salvífica de Cristo.

4. Conclusão

Sem dúvida, muito se escreve sobre vida religiosa, tanto em revistas quanto em livros, oferecendo as mais diversas análises, desde as banais e corriqueiras, até as que merexem com os leitores dados os acentos e os questionamentos que encarnam. Não pretendem ser a palavra final, nem oferecer a chave da solução, porque a busca será a nossa companheira de todos os dias. Mas cada linha, cada página, pode trazer a mensagem de Deus, deste Deus que bem se pode esconder nalguma linha obscura ou página insignificante. Que estas linhas que escrevemos sejam também um convite à reflexão, para que pensando e refletindo, não só vejamos que há problemas, mas também que há caminhos. Que sintamos que nesta busca não estamos sozinhos, muitos irmãos se unem a nós. Que Deus não se encolheu decepcionado, mas confia ainda nos homens, como confiou no tempo dos Profetas da Velha Aliança, por isso continua a suscitar Profetas e movimentos, crises e conturbações, propondo-nos o desafio: à margem ou dentro dos acontecimentos... Que ele sempre nos encontre no lugar que ele gosta que estejamos.

NOTAS

(1) **Revista Eclesiástica Brasileira** (REB), dezembro 1977, páginas 788 e seguintes. (2) Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, documento de consulta às Conferências Episcopais, nº 261. (3) Idem, ver nota 2, número 187. (4) Idem, ver nota 2, número 992. (5) Idem, ver nota 2, número 993. (6) Idem, ver nota 2, número 995. (7) Idem, ver nota 2, número 996-998.

MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR

Tomar-se a si mesmo muito a sério torna-se impecilho para o dom, para a graça, porque todo o gratuito, pelo fato mesmo de o ser, é repentino e inusitado. O aparato, a pompa, a majestade não deixam lugar para o maravilhoso da graça. Por tudo isso também, a Mãe de Deus é nossa esperança.

Irmão Noé Zevallos, FSC
Bogotá, Colômbia

Um dos grandes temas da Pastoral na América Latina é a **Religiosidade Popular** e, dentro deste tema, o importantíssimo capítulo da "devoção à Virgem".

A sensibilidade espiritual de nosso povo expressa, através deste fato, um de seus aspectos mais característicos: a afetividade que acolhe, que se dá, que confia, que se abre a um sinal de esperança, que busca caminhos novos sempre que divisa um horizonte.

Faz dois anos, o Sr. Mauro, um amigo do Bairro, disse-me que desejava escrever a "Lenda da Virgem de P.R.". Sabia perfeitamente o que é uma lenda, mas compreendia também a importância da narração como despertadora da alma coletiva e catalizadora de suas forças. Desejava recordar como a Virgem permaneceu na cidade, depois do perigo de uma inundação. O Sr. Mauro conhecia que as circunstâncias eram fortuitas. Se podia, de um lado, fazer uma leitura prosaica dos fatos, nada de maravilhoso tinham do outro, mas ele pretendia uma leitura poética e lia nos acontecimentos o desejo da Virgem de permanecer na cidade, como de fato aconteceu.

Eu pensei que assim devem ter ido nascendo os formosos relatos de aparições, no que nosso continente é pródigo. Não sei se o Sr. Mauro vai escrever sua lenda, pois é carpinteiro e tem muito trabalho, tem dificuldade em cumprir os compromissos assumidos. O Sr. Mauro

Tradução de Frei Hugo D. Baggio, OFM. Este trabalho foi publicado no Boletim da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), maio de 1977, número 5.

não é marxista, tão pouco é praticante, mas com seu forte senso comum descobriu que quando as pessoas possuem um símbolo tornam-se mais aptas para lutar; quando celebram juntas um acontecimento, as pessoas despojam seu egoísmo e se unem para uma tarefa comum. Não sei se o Sr. Mauro se quer aproveitar da religião, apenas sei que cabe a nós ilustrar a fé e dar fundamento às crenças dos milhões de Mauros que existem em nossa América. Estas páginas querem ter este significado.

Próxima a nós

É difícil falar de Maria, a Mãe de Jesus, é difícil por ter existido uma época em que foi colocada demasiadamente alta, longe de nossa condição, acima de nossa raça. A Teologia das Prerrogativas Marianas não ficou estranha ao processo de desumanização de Maria. Não lhe negamos os privilégios, apenas afirmamos sua pertença à nossa humanidade. Confesso que esta Teologia me repugnava, mormente quando observava exageros, nem sempre inadvertidos da autoridade, e por vezes favorecidos por pregadores mais emotivos que teólogos. Muitos de nós sentíamos um tanto distanciados de tudo isto e olhávamos com desconfiança as manifestações da assim chamada "espiritualidade mariana". Como em tudo o que é religioso, podem misturar-se, com facilidade, as motivações mais transparentes com outras obscuras, nascidas de um inconsciente nem sempre sublimado: infâncias mal vividas, adolescências frustradas, idade adulta não integrada.

De nada adiantaria fixar-se nos aspectos negativos da piedade popular. Trata-se, ao contrário, de purificar a devoção e não de obscurecê-la, de oferecer-lhe fundamentos bíblicos, de repensar uma teologia que apresente a Maria como Mulher do povo, que soube dizer o sim libertador. Trata-se, em definitivo, de reencontrar, com o povo, as novas formas de expressão de sua devoção.

Para o povo — e ele aprendeu isso da Igreja — Maria é a esperança e causa de sua alegria. Emprestando a linguagem da genética, diríamos que com Maria inaugura-se, na vida espiritual, uma nova espécie. Todos os anseios da humanidade tendiam para ela. É nossa esperança, porque inserida em nossa raça, estabelece uma mutação, porque aquilo que queremos ser, aquilo pelo qual sofremos e ansiamos, acontece de maneira exemplar em Maria. Por isso é a causa de nossa alegria. Queremos ser pessoas, queremos ser livres, queremos construir um mundo sem egoísmos e sem ódios, queremos estar ao lado do povo e dar-lhe esperança, e isto quiséramos fazer com transparência e sem amarguras. Tudo isso realizou Maria admiravelmente, porque conseguiu integrar em sua vida de mulher humilde do povo as mais dolorosas tensões e os conflitos mais convulsionantes com a visão clara de sua missão no mundo.

Capaz de integrar os valores de sua personalidade

Para se poder viver uma vida capaz de frutificar sem esgotar-se em

si mesma, se faz necessário integrar todos os elementos que estruturam a condição humana, ter domínio sobre os impulsos interiores e as solicitações exteriores. Quem não integra seus impulsos dentro de uma visão compreensiva do mundo e das coisas, corre o perigo de encerrar-se em si mesmo e de alterar-se ou alienar-se, no sentido etimológico do termo. Quem sucumbe aos apelos externos, perde-se na dissipação e na distração, como no-lo recordam as formosas análises de Pascal.

Este domínio, integração ou estrutura interna harmônica e harmonizada é a busca dos homens em todos os tempos. Pretendemos alcançar um domínio interior que seja como que conatural e se manifeste sem alardes nem confusões. Nem sempre é possível para quem está submetido ao que chamamos de impulsos internos e solicitações externas e porque a construção desta unidade interior nem sempre coincide com nossa atividade diária. Muitas vezes, nossa vocação humana, este querer ser pessoa responsável e livre, tropeça com as dificuldades nascidas de nossa história, nossa educação ou mil circunstâncias diferentes. Nosso egoísmo é demasiadamente grande, ou as possibilidades de distração são muito numerosas e não podemos estabelecer o equilíbrio exigido para uma vida harmoniosa.

Para chegar a esta plenitude devo integrar todos os elementos da vida e, entre eles, encontra-se o apelo inscrito nas raízes do ser, aquilo que quero ser profundamente e aquilo que sou em verdade. Devo integrar a própria vocação com as funções que desempenho, a pessoa que sou com o personagem que simulo ou pelo menos represento. Maria integrou com simplicidade e elegância estas diversas dimensões de sua existência.

Comprometida com uma resposta

Sentiu um chamado, uma vocação à virgindade e sentiu-o na radicalidade. Este chamado não era apenas um desejo, um ideal. Era a voz de Deus que a chamava do mais profundo de sua história, que se medianizava por elas e, por vezes, era por elas contradita. Frente à sua vocação de virgem surge o chamado para realizar, em sua vida, outras funções: deve ser Mãe de Jesus e esposa de José. Aqui surge o conflito.

Conseguiu ela integrar, com absoluta simplicidade, situações tão díspares como a de virgem e mãe, virgem e esposa. Algumas vezes falamos de amor virginal, mas este amor assim compreendido não compromete a ninguém: quem se propõe a amar a todo o mundo não ama a ninguém. Para se amar verdadeiramente, deve-se amar a alguém realmente, é necessário ser pai e mãe, porque este amor tem raízes na carne e no sangue. Maria amou deste jeito a Jesus, fruto de seu ventre, como rezamos na Ave-Maria.

Por seu amor físico a Jesus (quase me atreveria a dizer visceral se não tivéssemos o termo entranhado, que significa o mesmo) não perdeu a universalidade de seu amor, isto é quase impossível... Ela foi esposa

e virgem, conviveu com Jesus longos anos. Amou a José com amor de esposa, sem perder a virgindade de seu coração e de seu amor. É algo impossível, mas nela se realizou. Podemos ter nossas dúvidas, mais que dúvidas poderão ser suspeitas, nascidas de nossa ciência ou de nossa consciência, creio, porém, que o único caminho para a virgindade do coração passa por este árduo trabalho de integração e maturação humanas.

Plena e exigente no amor

Se estabelecemos com outra pessoa uma relação de homem e mulher, manteremos uma relação de conquista e entrega e, necessariamente, esta relação terminará numa posse real ou sonhada. Quando tratamos de vivenciar a relação de pessoa a pessoa baseada no respeito ao outro e em seu destino superior, é, então, possível conviver no amor, porque as pessoas buscam o sentido e a plenitude da existência, porque se respeita o mistério do outro, enquanto manifestação do amor do Senhor. Assim se poderia viver vinte anos sem conviver sexualmente. Isso não é fácil. Em teoria é possível, na prática não, porque não podemos constante e ininterruptamente nos mantermos no estatuto de pessoa.

Sócrates dizia, em um momento solene de sua vida, que não era filho de pedra ou de madeira, mas filho de homens. Por vezes, os religiosos esquecemos sentenças tão sábias e nos colocamos em ocasiões que homem algum seria capaz de superar. Quem diz que sempre e em cada momento comporta-se com todas as características de uma madureza descrita nos livros, dá mostras de notável imaturidade.

Chegar a ser pessoa é uma tarefa longa e difícil. É provável que apenas no dia da nossa morte, se empreendemos o caminho de nossa personalização, lá tenhamos chegado. Ao menos, teremos alcançado aquele ponto do qual já não poderemos regressar.

Maria conseguiu integrar, em sua vida, as situações mais díspares e opostas. Que conflito capaz de alienná-la, caso não tivesse podido amar a José e a sua vocação à virgindade! Não enfrentamos conflitos tão radicais e extremos, mas em nossa existência cotidiana passamos por experiências semelhantes. Devemos amar realmente e não podemos prender nosso coração a ninguém; devemos amar com amor pessoal, mas devemos também amar com amor universal, e devemos cuidar que estas inclinações contraditórias alcancem um sentido e sejam assumidas numa dimensão superior.

Escrava do Senhor

Existe outro conflito que nos atrapalha, mas que Maria o resolveu com perfeição. Confundimos, com freqüência, a pessoa e o personagem. Tomamos demasiadamente a sério nosso papel, esquecemos que a posição é apenas uma função e que ela não nos define; apenas nos distingue. O Evangelho a chama sempre de "a Mãe de Jesus", não porque seu papel de mãe a defina sem mais expedientes e sim porque, tendo integrado tão plenamente sua

vocação com sua função, esta se lhe tornou sua vocação. O importante não é o que se faz e sim o que se é e, neste caso, ela é a Mãe de Jesus. O Senhor a escolheu porque ela não almejava ser outra coisa que a escrava do Senhor. Seu ser mais profundo correspondia ao que fazia, porque o que fazia não era outra coisa que o que o Senhor queria e o que o Senhor quer é a vocação de cada um. É necessário sair de si mesmo e abandonar-se nas mãos do Senhor, para compreender como seu chamado é sempre para uma missão, e que chamado e missão não são mais que a maneira de que ele dispõe para nos conduzir à nossa própria plenitude. Esta linguagem nos é dura, porque acreditamos que nossa realização passa por nossos parâmetros e nossa vocação não é mais que o projeto que lançamos à frente para povoá-lo com nossos sonhos. Porque é muito difícil escutar o que o Senhor quer da gente, preferimos nos definir por nossas funções e, desta forma, nos transformamos em personagens.

Além do personagem

Tornar-se personagem é algo de terrível, pois o personagem ocupa o lugar da pessoa. As realizações entre os homens tornam-se formais e se relacionam através de circunlóquios e etiquetas. Como se teria tornado insuportável Maria, caso Ela tivesse assumido preferencialmente sua função de Mãe de Deus! Teria reclamado dignidade, respeito, consideração. Ter-se-ia expressado como aquela religiosa que ouvi, faz alguns anos, dizer, com muita seriedade, o seguinte: "nós, as esposas do Senhor, não só devemos aceitar, mas também exigir provas de respeito do povo fiel".

Se Maria tivesse reclamado sua dignidade de Mãe de Deus com estes critérios, teria usado linguagem semelhante. Aconteceu, porém, diferente, porque seus critérios eram outros: não procurava a dignidade nem o respeito, nem a consideração, mas o cumprimento da vontade do Pai.

Tomar-se a si mesmo muito a sério torna-se impecilho para o dom, a graça, porque todo o gratuito, pelo fato mesmo de o ser, é repentino e inusitado. O aparato, a pompa, a majestade não deixam lugar para o maravilhoso da graça. Por tudo isso, a Mãe de Deus é nossa esperança, porque pôde integrar em sua pessoa uma vocação excepcional com uma simplicidade igualmente extraordinária, porque não representou o personagem, mas foi a Mulher do Povo, que gerou o Filho do Homem com toda a humildade e mansidão com que as mulheres do povo acompanham, ajudam e consolam os filhos dos homens.

É nossa esperança porque superou seus tremendos conflitos; não os superou menosprezando suas dimensões, mas assumindo-os num nível superior, no nível de sua vocação e de seu destino. A Mãe de Jesus e a esposa de José são a conseqüência e não a causa pela qual a humilde serva do Senhor pôde pronunciar um sim confiante em seu desígnio amoroso sobre ela. É nossa esperança, porque mulher de nossa raça realizou esta maravilha; porque nos inspira confiança para amar com ternura e sem mesquinharias,

sem perder a liberdade de nosso amor e a entrega real de nossa vida.

Simples, mas não ingênua

Esta mulher do povo, simples e humilde, não foi ingênua. Sua entrega à vontade do Senhor não lhe impedia compreender a realidade que a rodeava. Sua vocação à virgindade não era fuga das condições concretas em que se desenrola a vida dos homens.

Esta mulher analisou sua situação e pronunciou-se a respeito dela. Seu canto é o canto mais revolucionário de quantos se escutaram no correr dos séculos. O integrista Maurras dizia cinicamente: que a Igreja era muito sábia, pois fazia cantar o hino revolucionário de Maria em latim, para que as pessoas não o entendessem e para os que entendiam latim mandava-os cantar em gregoriano, para que as doçuras do canto-chão limassem as ásperas arestas do cântico. Maurras não chegou a escutar o povo cantando o Magnificat em língua vernácula. Esta Igreja não lhe teria servido e ele a teria desclassificado, como o fazem tantos outros pelos mesmos motivos.

Consciente da realidade de seu povo

Maria conheceu a situação de seu país, esperava, como seus compatriotas, dias melhores para Israel. O novo, em sua mensagem, consiste em ter posto em aberto que a história não é feita pelos poderosos e sim pelos pobres; que os que se julgam felizes serão despachados de mãos vazias; que o Senhor se lembrará de seu povo e que a situação presente será completamente mudada. Costumamos traduzir este linguajar em termos espirituais e reduzir a salvação do Senhor a obscuros fenômenos de transformação interior, sem lembrar que a esperança de Maria se apóia na história de Israel narrada no Êxodo e ao longo dos outros livros da Sagrada Escritura. Esquecemos que ali se fala nas intervenções do Senhor, para destruir a injustiça e remir os pobres, salvar os órfãos e as viúvas e compadecer-se do estrangeiro. Cada vez que se comete injustiça contra estas pessoas, os desamparados e pobres do Antigo Testamento, Deus aparece e os defende. Maria sabe que esta promessa condiciona a Promessa. Sabe que a injustiça impede a manifestação do amor do Pai e por isso proclama, com limpidez, o sentido da história dos homens.

O Magnificat é um canto de esperança, mas também de protesto. É profecia e é realização, é uma demonstração de liberdade, pela qual a alma se expressa com humor, provocando a alegria e o entusiasmo. A mulher que nos deixou um hino tão revolucionário e atual, comprometeu-se com a ação concreta. Nela a ação se faz serviço.

Ao serviço de todos

S. João, no capítulo 2 de seu Evangelho, entrega-nos a chave para compreender o sentido de serviço da Mãe de Jesus: "Três dias depois... foi convidado com sua Mãe a uma boda." O Evangelho quase não fala a respeito do que Maria

faz ou diz. Há um como esquecimento dela. Nisto consiste o serviço, supõe a atenção aos demais e o esquecimento de si mesmo. Ela está atenta aos acontecimentos. O serviço deve ser concretado no aqui e no agora. Não fomos colocados no meio dos outros para uma autocontemplação e para nos alegrar porque foram atingidos os objetivos previstos. Estamos presentes para ajudar, para compartilhar alegrias, celebrações ou simplesmente para acompanhar os homens, como o Filho do Homem que estabeleceu sua tenda no meio de nós.

As pessoas já não podiam distinguir — segundo as palavras do mestre-sala — entre o bom vinho e o menos bom. No entanto, em tais condições e a pedido de sua Mãe, Cristo fez seu primeiro milagre, não para que as pessoas se entristecessem ao se dar conta de seu estado, mas para que se alegrassem um pouco mais...

Se ignoramos as formas populares de alegrar-se, como poderemos anunciar a boa nova e a grande alegria que constituem nossa fé? Significa isso um convite à embriaguez e uma canonização das orgias populares? Não. Mas enquanto chamamos de "etílico" o homem que se embriaga com wiski e de "bêbado" ao que o faz com cachaça, pinga ou aguardente, não estamos em condição de compreender a atitude do Senhor. Ninguém pode ter outra experiência de felicidade que a experimentada dentro das condições reais de sua existência. Pedir-lhe outra coisa, seria, no mínimo, simples ingenuidade ou confusão perigosa.

A alegria é um dom do Senhor e sinal de sua presença. Não podemos obrigar às pessoas a se alegrarem conforme nossas categorias pessoais ou com nossos procedimentos estranhos. Nem todo o mundo pode sentir prazer escutando Mozart ou Vivaldi, nem lendo o Quixote. Quem desejar que o povo se alegre com "os discretos encantos da burguesia" ou é ingênuo ou pretende, despoticamente, amoldar o povo aos seus próprios refinamentos. Se queremos servir ao povo, a primeira descoberta é que nossos gostos, nossas apreciações, nossa educação e cultura para nada nos servem neste estágio, num segundo momento desempenharão sua função, quando se fizer necessário traçar o perfil do projeto popular. A educação, nós o sabemos, não é conjunto de normas que se nos impõem em virtude de não sei que ordem superior aureolada com os esplendores divinos, e sim um processo lento e acumulativo, para colocar o que de melhor há em nós a serviço dos demais.

Mais uma na dor

Não se consegue o respeito do povo apenas participando em suas alegrias e preservando seu folclore, é preciso acompanhá-lo até o fim. Maria, aos pés da cruz, manteve a fé que ameaçava apagar-se e a esperança que esmaecia no diminuto número de fiéis. Podem aparecer circunstâncias em que o único meio de serviço seja a presença amiga de quem sustenta a fé e dá razões para resistir nas longas horas de repressão, que são verdadeiras noites do espírito.

Quando tudo desmorona, quando nossas esperanças se vão desarticulando, e aquele em quem cremos é desmantelado, peça por peça, chegamos não ao tempo da euforia e entusiasmo, mas da desolação e da espera. Os dias negros do fracasso não são definitivos, anunciam-nos a ressurreição. Conservar, nestas condições, a fé do povo é comprometer-se até as últimas conseqüências. Maria permaneceu ao pé da Cruz, quando todos fugiram.

Existe outro aspecto, frente ao qual o povo se sensibiliza: na Cruz, Maria representa a dor de toda a humanidade. Tua dor é grande como o mar, lhe diz o Profeta. A pessoa que vive na dor, que participa nesta herança cruel da humanidade, encontra na Virgem um modelo operativo para suportar a dor e não sucumbir diante da angústia. É preciso ter passado por uma experiência de sofrimento e de dor, não só individuais, mas coletivas: a frustração das ilusões, a morte da esperança, a desmoralização da consciência popular, para poder aquilatar, em toda a sua extensão, o que significa a dor dos homens, esta onda que vai crescendo até atingir os próprios céus. Naquela Sexta-Feira Santa da humanidade, Maria, aos pés da Cruz, esperando contra toda a esperança, representa a imensa e inesgotável confiança dos pobres.

Ao seu lado abrindo caminhos novos

À luz do que ficou dito, talvez possamos compreender melhor as formas de devoção popular e dar-lhes um conteúdo adequado. Por isso, quando o povo sofre, por certo, não terá outra oração que a repetição mecânica das mesmas palavras; talvez os pobres não possam fazer outra coisa que repetir cansativamente, até a exaustão, as mesmas ladainhas de Ave-Marias inacabadas. Nada podem inventar, a dor embota a imaginação. Talvez precisemos ser mais humildes e encontrar, em meio à dor que afoga a garganta, o louvor daquela que chamaram bem-aventurada todos os séculos. Não é tarefa fácil, mas é necessário começar a desdobrar o caminho, para ajudar o nosso povo a esperar que se realize a profecia do Magnificat, e para fazer com que em nossa vida o Verbo se faça carne, porque, em verdade, efetivamos sua Palavra.

Três pensamentos apenas

Um. Anunciar bons princípios não constitui ingerência. Princípios adota-os quem quer. **Dois.** A ausência da guerra não chega a ser paz. **Três.** "Haverá sempre uma aventura para quem for digno dela", André Maurois.

OS RELIGIOSOS DO BRASIL E A CONFERÊNCIA DE PUEBLA

As coordenadas fundamentais da caminhada da Igreja possibilitam as grandes tendências, as motivações e dificuldades da caminhada da Vida Religiosa na América Latina.

Irmã Maria Carmilita de Freitas, FI
Rio de Janeiro, RJ

Introdução

A Igreja da América Latina prepara-se para viver um acontecimento especialmente significativo da sua história: — a III Conferência Geral do seu Episcopado, que se realizará em Puebla de los Angeles (México), no próximo mês de outubro, e cujo tema central é "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina".

Os religiosos do Brasil colaboraram e continuam colaborando nesta preparação. Para que esta colaboração se processe de maneira orgânica e a partir das bases, a CRB Nacional enviou a todas as comunidades do país, em dezembro de 77, uma carta e um questionário.

O objetivo do questionário era recolher a experiência de Vida Religiosa no país, no campo da Formação, da Vida Comunitária e da Inserção e pastoral, nestes últimos anos, e em relação à Evangelização.

De fato, os Religiosos temos, dentro do povo de Deus, uma vocação específica que nos capacita a dar

uma contribuição original e insubstituível à missão evangelizadora da Igreja. E a renovação da Vida Religiosa que está se processando em nosso país traz consigo um dinamismo interno que é anúncio de que o Reino de Deus está no meio de nós. Era preciso que isto chegasse, de algum modo a Puebla.

Os dados levantados através das respostas ao questionário de dezembro, são significativos, mais talvez pela sua qualidade que pelo número. Feito o levantamento, a síntese e a interpretação teológica, o resultado foi apresentado e estudado na reunião do Departamento de Religiosos do CELAM com as Conferências de Religiosos do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) e a CLAR, realizada em Buenos Aires de 1 a 3 de março deste ano e da qual participaram, representando a Conferência do Brasil, o Pe. Décio Batista Teixeira, Presidente da CRB e a Ir. Maria Carmilita de Freitas, Secretária Executiva Adjunta.

Oferecemos hoje a todas as comunidades, uma síntese (não científica) daquilo que os Religiosos e as Religiosas do Brasil escreveram, tentando dar uma visão da experiência que estão vivendo. As grandes tendências de que falamos neste artigo ficam, portanto, circunscritas a um horizonte determinado e, sem dúvida, limitado: — o das experiências descritas no questionário, e não exhaurem toda a realidade da Vida Religiosa no Brasil hoje. São, contudo, significativas e nos permitem identificar as linhas-eixo do processo renovador que estamos vivendo.

I. Dados Numéricos

Chegaram ao Executivo da CRB Nacional, 336 respostas ao questionário. Provinham de 19 Estados do Brasil e de 182 províncias religiosas.

Os dados numéricos coligidos são os seguintes:

1. Sua Congregação realizou nestes últimos anos alguma experiência significativa orientada à Evangelização:

◆ **No campo da formação?**

SIM	NÃO
183	112

◆ **No campo da inserção?**

SIM	NÃO
220	71

◆ **No campo da vida comunitária?**

SIM	NÃO
131	141

2. Nesta mesma linha e dentro destes mesmos campos, existe na sua Congregação algum projeto para os próximos anos:

◆ **No campo da formação?**

SIM	NÃO
74	45

◆ **No campo da inserção?**

SIM	NÃO
78	141

◆ **No campo da vida comunitária?**

SIM	NÃO
55	156

II. Grandes tendências da vida religiosa nestes últimos anos

A caminhada da Vida Religiosa no Brasil, nestes últimos anos insere-se cada vez mais na caminhada da Igreja e reflete, em certo sentido as grandes orientações da renovação eclesial. A descrição das suas linhas dinâmicas ou grandes tendências, é portanto, uma expressão desta vida nova que, num âmbito mais amplo, está surgindo em toda a Igreja no Brasil. Esta é a primeira constatação que brota de uma leitura atenta dos questionários.

1. Tendências no campo da inserção e da pastoral

Neste campo as tendências mais significativas são as seguintes:

1.1. **Integração crescente dos religiosos na pastoral orgânica** das Igrejas Particulares e um conseqüente crescimento no sentido de pertencer a estas Igrejas e de compromisso com as mesmas.

1.2. Um processo claro de **inserção progressiva** nos meios populares e mais carentes. Este deslocamento para novos espaços geográficos e sociais mais pobres é descrito da seguinte maneira: deslocamento dos centros e zonas acomodados das cidades para bairros populares e periferia, das cidades para as zonas rurais, áreas de emigrantes, de pescadores, ao longo dos rios e estradas, sobretudo no Acre, no Amazonas, Norte de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Uma forma de inserção que se destaca nos questionários é a das "Igrejas-irmãs", movimento que vai se ampliando e que tem contribuído notavelmente para um aumento da consciência missionária dos Religiosos.

Conforme os dados indicam, esta inserção tende a ser uma presença cada vez mais participativa dos religiosos no mundo dos pobres; uma presença mais solidária e comprometida com o povo no seu processo histórico de libertação total.

Os questionários destacam também a presença e o papel dos religiosos nas comunidades eclesiais de base que vão se multiplicando em todo o país.

Este fato da inserção possibilita um maior conhecimento da realidade social e das suas causas estruturais. Por sua vez, este conhecimento leva os Religiosos a uma atitude constante de busca, de análise, de discernimento e avaliação dos fatos, a partir do Evangelho, capacitando-os para uma inserção mais lúcida e mais comprometida.

1.3. Certa **transformação das obras e atividades apostólicas**, visando a uma forma de presença evangelizadora mais direta no meio do povo. Nesta linha, algumas experiências descritas têm um cunho de audácia e criatividade marcantes e são frutos de um longo processo de busca e discernimento.

1.4. Uma **notável ampliação do campo de ação pastoral**, sobretudo para as Religiosas. Os questionários falam com freqüência dos novos ministérios assumidos por elas e, mais concretamente, das Religiosas Vi-

gárias. Alguns apontam a preocupação de que este fenômeno não se reduza a uma mera "suplência, mas que seja de fato uma nova forma de presença da Vida Religiosa — com a sua originalidade própria — no meio do povo de Deus, e a serviço do mesmo.

1.5. Esforço por encontrar fórmulas de vida e de ação pastoral que marquem um **maior compromisso com a Justiça**, como elemento constitutivo da evangelização. Neste campo, entretanto, os questionários revelam ainda uma certa insegurança.

2. Tendências no campo da Vida Comunitária

2.1. Percebe-se através dos questionários que o **movimento da inserção teve e continua tendo uma forte repercussão na renovação da vida comunitária**. Para vários Institutos ele constituiu um verdadeiro questionamento de estruturas defasadas, de certas formas de relacionamento pouco evangélicas, de uma imagem de vida comunitária arcaica e desencarnada da realidade.

Há alguns anos atrás o esforço de renovação comunitária incidia sobretudo na sua dimensão interna. Hoje o fenômeno da inserção polariza, em certo sentido este esforço, e é um dado claro do questionário a estreita relação que existe entre o fenômeno das pequenas comunidades e o fato da inserção.

2.2. Os questionários caracterizam esta forma nova ou renovada de vida, a fraternidade religiosa, como **uma vida comunitária a partir de critérios evangélicos, ou como uma vida comunitária mais evangélica e mais evangelizadora**. Os valores mais destacados são: partilha de vida e de fé, corresponsabilidade, maior sensibilidade aos direitos humanos e a justiça, relações interpessoais baseadas na sinceridade e na caridade; consciência crítica; nova imagem de superior ou coordenador de comunidade, ou seja, a autoridade exercida como serviço aos irmãos, simplificação de estruturas; busca da comunhão na diversidade.

3. Tendências no campo da formação

A formação, incluindo a dimensão da formação permanente, aparece nos questionários como uma das grandes preocupações da V.R. no Brasil hoje. E encarada como um processo funcional em relação com os objetivos a que se propõe. Logicamente, ao manifestar-se umas tendências novas nos aspectos antes analisados da Vida Religiosa, a formação busca também tendencialmente novas formas de adequação, seja no campo da pastoral vocacional, como no da formação inicial e permanente.

3.1. Pastoral Vocacional

Os fatos mais destacados são: **a integração** cada vez maior na pastoral vocacional e na mesma pastoral diocesana, e **colaboração intercongregacional**, com o emprego de métodos e meios mais adequados à juventude de hoje e as suas características. Alguns Institutos procuram fazer suas casas de formação verdadeiros centros de irradiação da pastoral vocacional.

3.2. Formação inicial

As linhas mais significativas são descritas assim:

- **Um novo tipo de casa de formação.**
- Um **novo estilo de formadores.**
- A **união de esforços** em nível intercongregacional e diocesano.
- Um **maior compromisso apostólico.**

Vários Institutos falam da mudança de lugar geográfico das suas casas de formação, e da criação de pequenas comunidades formadoras em áreas mais modestas e mesmo pobres, com estruturas simplificadas, mais abertas e mais inseridas na realidade. Algumas vezes a transferência da casa de formação se faz com o fim de viabilizar a participação dos formadores nos noviciados e junioratos intercongregacionais.

Tende-se a um novo tipo de formadores, potencializando o trabalho em equipe, o papel da comunidade formadora e a corresponsabilidade de todos no processo formativo.

Quase todos os questionários insistem na validez dos noviciados e junioratos intercongregacionais e nas grandes vantagens decorrentes desta união de forças no campo formativo.

A maioria dos Institutos mostram-se preocupados com a dimensão apostólica da formação, procurando propiciar aos jovens um maior compromisso pastoral, a partir do noviciado. A busca de um equilíbrio entre a tarefa propriamente formativa — com seus tempos fortes de interiorização, e o compromisso apostólico é uma constante das novas experiências, seja em forma de preocupação, seja em forma de realizações progressivas, visando dar aos formandos o sentido de síntese e integração da sua vocação religiosa apostólica.

3.3. Formação permanente

Há uma preocupação generalizada pela formação permanente. Neste campo, porém, as realizações são ainda incipientes para a maioria das Congregações. Outros contam já com programas orgânicos que integram formação inicial e permanente. O objetivo principal destes programas consiste em viabilizar a incorporação progressiva dos religiosos às novas exigências que a atual conjuntura histórica coloca para a vivência da sua vocação.

III. Principais dificuldades

Em geral, as dificuldades apontadas nos questionários, ainda que apresentando concretizações específicas em cada uma das dimensões antes tratadas, são vividas em todos eles, de uma forma ou de outra. Por isso os apresentamos de maneira globalizada:

1. Diversidade de mentalidades

A diferença de mentalidades dentro da Igreja e da própria Vida Religiosa, como conseqüência de concepções eclesiológicas diversas, que oferecem esquemas contrastantes do ser e da imagem da Vida Religiosa, é uma das dificuldades mais apontadas no questionário.

Neste conflito influi, em muitos casos, a formação recebida — e não superada — por muitos religiosos, de cunho individualista e um tanto distanciada da realidade, que não potenciava o desenvolvimento da consciência crítica e nem a capacidade de mudança e da adaptação a situações novas.

2. Insegurança e radicalizações

Em algumas das novas experiências adverte-se ainda uma certa insegurança que gera, às vezes, ambigüidades ou radicalizações não sempre evangélicas, que por sua vez, levam ou podem levar a uma esvaziamento da vida religiosa.

3. O contexto histórico-social

Alguns questionários indicam como dificuldade o contexto histórico-social que não favorece a caminhada das comunidades, sobretudo na linha da inserção e do compromisso evangélico com a Justiça.

4. Escassa preparação e capacitação para assumir novas situações e tarefas novas

Esta falta de preparação e capacitação foi já apontada ao tratar da inadequação da formação recebida às exigências do momento atual. Observa-se que é mais fácil, às vezes, acomodar-se ou fechar-se sobre si mesmo — como pessoas ou como grupos — que se abrir a um questionamento sério e a um processo dinâmico de conversão contínua, que permite assumir comportamentos e compromissos novos, como resposta às novas situações.

5. Falta de estruturas de apoio

Outro aspecto que aparece nos questionários é a dificuldade de compreensão e apoio que encontram algumas comunidades por parte das equipes centrais de governo, sobretudo quando estas conhecem pouco a realidade do nosso contexto social. Nestes casos o processo torna-se lento e, às vezes, doloroso, por faltarem estruturas de apoio fundamentais.

IV. Motivações

De igual maneira que as dificuldades, as motivações que estão por trás de todo este processo, e que os questionários destacam, podem aplicar-se e de fato se aplicam às três dimensões da Vida Religiosa que estamos analisando. As mais significativas são as seguintes:

1. Vaticano II e Medellín

Quase todos questionários falam de uma tomada de consciência, a partir do Concílio e de Medellín, enquanto ao ser e à missão da Vida Religiosa na Igreja a serviço dos homens. As mudanças, as experiências e os ensaios aparecem desta maneira, com **resposta**: — Resposta às exigências do momento histórico; (disto se menciona sobretudo na formação) às novas diretrizes da Igreja; aos apelos do povo e da realidade; às necessidades das Igrejas particulares; aos sinais dos tempos; à ação de Deus na história.

2. Conversão, testemunho e profecia

A necessidade sentida por muitos religiosos de uma volta constante à radicalidade do surgimento de Jesus, para oferecer uma imagem mais testimonial e profética da Vida Religiosa no mundo concreto que devem evangelizar, constitui uma das motivações mais citadas.

3. Maior solidariedade com o povo

A preocupação por uma forma de presença evangelizadora, mais solidária, no meio do povo está motivando gestos concretos de aproximação, de solidariedade e compromisso. Alguns Institutos falam de uma opção pelos pobres, a partir do Evangelho, — em nível de província e mesmo de Congregação — como motivação fundamental da sua caminhada.

4. Carisma fundacional e missão

Outra motivação freqüente é a tendência de muitos Institutos a fazer uma releitura do próprio carisma fundacional no hoje da história, numa linha de fidelidade dinâmica e criadora às próprias origens e à sua missão específica na Igreja.

5. Impulso das Igrejas Particulares e Capítulos Gerais

São várias as Congregações que se dizem motivadas pelo dinamismo e a Palavra dos seus Pastores. Outras se referem às diretrizes dos Capítulos Gerais, como ponto de partida e estímulo do seu esforço renovador.

V. Prospectiva

A segunda parte do questionário pretendia recolher as grandes linhas prospectivas da Vida Religiosa no Brasil, na sua relação mais direta com a Evangelização.

Como se pode constatar no nº I, 2, as respostas a esta parte foram mais reduzidas em número; e a descrição que oferecem destas linhas é também menos rica que a da primeira parte.

Pode-se, contudo, coligir das mesmas algumas grandes linhas de orientação:

1. **Uma nova maneira de sentir e de viver a Igreja**, de presencializá-la entre os homens, de assumir sua missão.

2. **Uma consciência mais clara de que o "ser" religioso é em si mesmo um instrumento original, válido e insubstituível de evangelização**, dentro do conjunto dos diversos carismas que existem na Igreja. E, portanto, uma nova valorização da própria identidade religiosa a serviço do povo de Deus.

3. **Uma abertura crescente** às necessidades, urgências e prioridades das Igrejas particulares e do povo concreto que deve ser evangelizado.

4. **Uma certa opção preferencial pelos pobres** que, sem excluir o sentido de salvação de todos os homens e da paz e unidade universal, marca uma verdadeira mudança de "lugar social" e uma progressiva solidariedade com o povo, como sinal da presença do Reino.

5. **Uma capacidade de reformulação criadora** do próprio carisma fundacional, colocado de fato a serviço do povo de Deus, no seu contexto histórico e existencial concreto.

6. Para tudo isto, os questionários falam de **programas de formação** que capacitem esta como processo vital contínuo, sem rupturas nem defasagens; que capacitem o Religioso a viver com plenitude sua vocação, respondendo adequadamente às exigências da sua missão evangelizadora no presente e no futuro do Brasil.

VI. O encontro da Argentina

Esta contribuição dos Religiosos do Brasil, que acabamos de ver, foi apresentada e estudada na reunião do Departamento de Religiosos do CELAM com os países do Cone Sul e a CLAR, realizada em Buenos Aires.

Durante os três dias de convivência e trabalho — num clima fraterno de reflexão e de busca — o grupo estudou a realidade apresentada pelos vários países e confrontou experiências. Constatou-se uma grande coincidência nos pontos fundamentais da renovação, dentro da diversidade de circunstâncias próprias de cada país.

O texto final, elaborado pelo grupo, além de recolher as grandes tendências da Vida Religiosa no Cone Sul, com suas motivações e dificuldades — e das quais falamos anteriormente porque todas elas se dão em nosso país — traça também as coordenadas fundamentais da caminhada da nossa Igreja, que possibilitaram e possibilitam a caminhada da Vida Religiosa.

A Igreja que o Espírito de Deus está construindo entre nós, apresenta-se como Igreja "Povo de Deus, servidora dos homens". Uma Igreja que não tem em si a sua razão de ser, senão no serviço que presta aos homens na ordem da Salvação integral, que quer ser como Jesus de Nazaré e como Maria, sua mãe, humilde servidora dos homens.

Para Você que lê Convergência

O silêncio não pode ser o interlocutor num diálogo em que a outra parte se limita a ouvir. Fale e escreva, portanto. Realize **feed-back.** É verdade: toda palavra escrita ou falada é um julgamento. E há julgamentos que julgam mais a quem julga do que a quem é julgado.

VIDA RELIGIOSA E TRABALHO PROFISSIONAL

A religiosa que pretender lançar-se
no caminho da profissionalização deverá ser
suficientemente segura para assumir
a solidão inerente à condição pessoal
e peculiar àqueles que optaram pelo celibato
consagrado. Não poderá depender
da ratificação cotidiana do apoio do grupo.

Irmã Laura Fraga de Almeida Sampaio
São Paulo, SP

1. Um desafio: a profissionalização das religiosas

Dentre os desafios com que se deparam os religiosos — e particularmente as religiosas — no Brasil, hoje, destaca-se o fenômeno da profissionalização. Merece especial cuidado da parte de todos aqueles que auscultam os rumos que a Vida Religiosa vem tomando entre nós.

Está surgindo hoje na Igreja um novo estilo de Vida Religiosa, criado, em parte, por religiosas engajadas na vida profissional.

O exame objetivo e crítico deste fenômeno parece-nos necessário e urgente. Importa analisar de perto essa situação, suas causas e conseqüências.

Uma reflexão séria que, na medida do possível, explore todo o contexto da problemática complexa em que se situa esta questão, será de grande ajuda para o discernimento dos caminhos do Espírito para a Vida Religiosa no Brasil hoje.

Pretendemos nestas páginas debruçarmo-nos sobre o fato aparentemente irreversível de religiosas, em número cada vez maior, durante es-

tes últimos anos, estarem exercendo uma profissão fora das obras mantidas por suas Congregações.

Esta análise mais detida a respeito das circunstâncias que envolvem hoje a vida profissional de inúmeras religiosas, não pode ser isolada do contexto atual da Vida Religiosa no Brasil, que vem sendo entre nós objeto de reflexão contínua (1).

Muitos escritos em que se concretiza essa reflexão abordam de passagem o fenômeno da profissionalização das religiosas, mas não encontramos nenhum que trate especificamente do tema. No presente estudo pretendemos enfocar mais diretamente essa questão, sem prescindir do contexto global daquela reflexão, mas também sem retomar aspectos da evolução da Vida Religiosa já amplamente discutidos. Limitar-nos-emos aos fatores cuja implicação com nosso assunto nos pareça mais relevante.

Cabe dizer ainda que, no âmbito deste trabalho, não temos pretensão de esgotar tema tão complexo. Para tanto falta-nos o recuo histórico indispensável para que se possa formar um juízo crítico sobre os problemas aqui abordados e em que estamos imersos.

Para onde caminha o processo de profissionalização das religiosas? Valores novos emergirão desse processo? A que preço? Perguntas a que só o futuro dará respostas.

2. Contexto histórico

Para entender e avaliar o fenômeno da profissionalização das religiosas, tal como se nos apresenta hoje, tentamos situá-lo no contexto histórico da evolução sócio-cultural do papel dos religiosos na sociedade.

Para tanto, partiremos da distinção histórica entre dois tipos de sociedade: sociedade de ordens e sociedade de classes (2). Antes de esboçar essa tipologia, convém lembrar que a sociedade, como grupo social, tem duas tarefas básicas: conservar-se — e para isso ela se organiza, e reproduzir-se e para isso ela desenvolve sua ação. No primeiro tipo, a sociedade de ordens, a conservação do grupo social e sua reprodução estão estritamente interligados. A sociedade tem garantia de continuar, somente enquanto se conserva. Daí decorre o esforço para não mudar nas suas relações fundamentais. Trata-se, pois, por exigência intrínseca, de um tipo eminentemente estático de sociedade. No segundo tipo, a sociedade de classe, há primazia da reprodução sobre a conservação. A sociedade precisa estar em estado permanente de mudança para poder conservar-se. Ao inverso da sociedade de ordens, trata-se aqui, por exigência intrínseca, de um tipo eminentemente dinâmico, de uma sociedade competitiva, onde os valores da mobilidade são primordiais.

À caracterização destes dois tipos, acrescenta-se a distinção de três níveis fundamentais de toda sociedade: o nível do trabalho, relativo às necessidades de subsistência, o nível da organização, relativo às necessidades da sociedade enquanto grupo humano e, finalmente, o nível simbólico que lhe dá razões para continuar: a ideologia, entendida

como conjunto de conhecimentos, valores, crenças.

A conservação da sociedade de ordens, no nível simbólico, está ligada a valores trans-societários, situados fora e acima dela, como a religião, as crenças. Consequentemente, os indivíduos que se especializam nesses tipos de valores, os detentores do discurso simbólico que dá coesão ao grupo, representando-o e constituindo-o, a uma só vez, têm um lugar privilegiado na sociedade: dão-lhe as razões para conservar-se e reproduzir-se, mantendo-se sempre idêntica. Tais indivíduos formam, pois, uma ordem legitimada socialmente pelo exercício de função de tão alto significado para a sociedade. No modelo de cristandade esta ordem é constituída pelo clero e os religiosos.

Na sociedade de classes, a conservação está ligada, no nível simbólico, a valores intra-societários, referentes ao próprio homem. Os direitos humanos são reconhecidos como fundamentalmente iguais para todos e não são mais discriminados segundo cada ordem da sociedade. O trabalho torna-se um valor como meio de ascensão social favorecida pela mobilidade das classes, numa sociedade competitiva, de oportunidades e não de privilégios. Nesta sociedade, quem está encarregado da gestão dos bens simbólicos são os intelectuais, legisladores, políticos, cientistas, tecnocratas. O "religioso profissional" não tem mais função social, não tem mais, enquanto tal, "lugar" para falar, nem quem o ouça, salvo no âmbito de interesse individual por questões existenciais. A figura sócio-cultural do religioso passa a ser indefinida. Surge, então, a necessidade de buscar sua legitimação numa sociedade de classes.

No nível do trabalho, na sociedade de ordens existem "ofícios", serviços prestados à sociedade para sua manutenção. Na sociedade de classes existem "profissões", tipos de trabalho escolhidos pelos indíviduos e que contribuem também para sua realização pessoal.

A vida religiosa reproduziu por muito tempo um micro-modelo da sociedade de ordens.

Vivemos hoje aqui no Brasil a passagem da sociedade de ordens para a sociedade de classes, passagem esta que não se faz por ruptura súbita e total, mas sim paulatinamente, havendo, por tanto, um período de interpenetração de ambas.

Antes do Vaticano II, pode-se dizer que a totalidade das religiosas dedicadas à vida apostólica, exercia um ofício nas Instituições da Congregação, como escolas, hospitais, asilos, orfanatos, creches. Poucas eram profissionais, no sentido estrito do termo, devidamente habilitadas para exercer tais encargos. Todo o quadro da Vida Religiosa era organizado em função de uma "obra" assumida pela Comunidade e dos ofícios, necessários para seu bom andamento, desempenhados por seus membros.

Nas últimas décadas a situação tende a se modificar de modo gradativo, mas irreversível. Evoluindo, as transformações culturais e sociais, acima evocadas, levaram os religiosos a procurar outras maneiras de

prestar serviços à sociedade, visando preencher necessidades de nível intra-societário. Essa evolução continua a desafiar o espírito de serviço e a criatividade dos religiosos, em busca de sua legitimação social numa sociedade de classes secularizada.

Dentre os vários fatores dessa evolução que reforçam esse desafio, levando os religiosos à revisão de suas Instituições, destaca-se a valorização da pessoa, a emancipação da mulher e o reconhecimento do trabalho como fator de realização pessoal, bem como alguns fatores ligados mais diretamente à Vida Religiosa. Entre estes, o surgimento das pequenas comunidades, a tomada de consciência da necessidade de passar da separação à comunhão com os irmãos, de partilhar a sorte de homens e mulheres que vivem do próprio trabalho.

Pressões externas, cada vez mais fortes, impulsionaram também Congregações inteiras, ou grupos de religiosos, à procura de novos rumos missionários e novas formas de presença entre os irmãos. Basta assinalar, de um lado, as exigências crescentes da sociedade e do governo quanto à capacitação profissional dos religiosos dedicados à educação, a saúde, ao trabalho assistencial e, de outro, a política governamental relativa a esse tipo de instituições particulares que as vem estrangulando lenta e, ao que parece, sistematicamente. A exigência de maior capacitação profissional é certamente positiva e esta política educacional, paradoxalmente, talvez não deixe de constituir-se também em benefício para a Vida Religiosa.

3. Novas formas de presença

A partir da evolução assinalada, novos rumos da Vida Religiosa feminina delineiam-se basicamente em duas direções: Passagem da pastoral "indireta", mediatizada por um serviço de alcance social, prestado à comunidade pelas obras mantidas pelas religiosas, à pastoral "direta", dedicação exclusiva à evangelização, integrada na pastoral orgânica de uma Igreja particular. Passagem a um outro tipo de pastoral "indireta", na linha mais secularizada da inserção profissional.

Na prática, estas direções não se excluem; pelo contrário, muitas religiosas procuram combinar "trabalho pastoral" e "trabalho profissional".

Numa tentativa de esquematização, reconhecidamente simplista, poder-se-ia falar em tendência "clerizalizante" e tendência "laicizante", trazendo à luz a ambivalência que marcou historicamente a posição da Vida Religiosa na Igreja, pelo fato de ser ela da ordem do "carisma" e não da "estrutura", não sendo **de per si**, nem laical, nem clerical. As conseqüências dessa ambiguidade são vividas hoje por muitas religiosas.

Destaquemos alguns aspectos dessa problemática, referentes às religiosas inseridas prioritariamente na linha da profissionalização.

Quem são essas religiosas, que tipo de profissão estão exercendo, em que tipo de instituições, quais as motivações dessa escolha, que di-

ficuldades ou benefícios estão encontrando para sua vida religiosa — eis uma série de questões que se nos apresentam.

Para respondê-las, não dispomos de dados rigorosos. Baseamo-nos em nossa experiência pessoal de religiosa profissionalizada, na troca de idéias com outras Irmãs que vivem essa situação e em alguma leitura. Duas iniciativas da CRB nacional forneceram-nos também elementos valiosos para o levantamento da situação: os encontros de reflexão realizados em 1975 e 1976, dos quais participamos, e o questionário enviado às religiosas profissionalizadas e a todas as Províncias do Brasil (3). A partir desses elementos poderemos arriscar algumas afirmações e levantar outra série de questões.

Antes de mais nada, é preciso notar que a expressão "religiosa profissionalizada" tem recoberto realidades diversas, abrangendo tanto as Irmãs portadoras de diploma de professora, enfermeira, secretária, que trabalham em colégio ou hospital da própria Congregação, como uma "pioneira" que, por "tolerância" da Congregação, tenta abrir caminho, exercendo uma profissão com contrato de trabalho, em estabelecimento leigo, particular ou estatal, e residindo fora das obras da Congregação.

Entre estas duas situações há uma série de outras, bastante complexas, vividas por muitas religiosas.

Do ponto de vista da análise que nos propomos fazer, parece-nos importante "isolar" o fenômeno que, a nosso ver, merece particular atenção. Trata-se dos casos em que o exercício de uma profissão é acompanhado de circunstâncias tais que tornam realmente diferente, nova, a situação em que as Irmãs passam a viver. A partir desta situação um novo estilo de Vida Religiosa está sendo criado.

Não vamos, portanto, nos deter nos numerosos casos de religiosas que passaram a ser contratadas, com vínculo empregatício, pela própria associação civil mantenedora das obras da Congregação, sem por isso mudar seu estilo de vida, seu local e tipo de trabalho.

Interessa-nos aqui a situação global de vida das religiosas que assumiram um trabalho profissional, com vínculo empregatício, fora das obras de sua Congregação. Dentre estas, acreditamos poder afirmar que a maioria vive em pequenas comunidades, onde outras Irmãs, ou mesmo todas, estão em igual situação.

O processo de profissionalização das religiosas, no sentido acima especificado, data da última década, e ocorre principalmente, nos grandes centros urbanos. Seu início coincidiu com a criação de pequenas comunidades e a transformação ou fechamento de obras por parte das Congregações. Influíram, portanto, neste processo os diversos fatores a que nos referimos, ao situá-lo no contexto histórico.

Quanto aos motivos mais próximos desta escolha, quer por parte das Congregações, quer das religiosas, parece prevalecer uma opção consciente por esse caminho, em busca de inserção mais direta na

realidade e na vida do povo e também à procura de novos meios de prover à subsistência das Irmãs.

A escolha profissional foi condicionada, para a grande maioria, pelo preparo anterior. Salvo raras exceções, as religiosas preferiram continuar trabalhando nos campos onde já tinham experiência. Assim, quase todas desempenham funções ligadas à área da educação, da saúde, da assistência social, da administração (4). Ao que consta, são poucas as que se dedicam a outro tipo de trabalho, empregando-se, por exemplo, como operárias em fábricas ou oficinas.

Para assumir o novo estilo de vida, decorrente da escolha dessas profissões exercidas nas condições mencionadas, as Irmãs nem sempre tiveram preparação especial. Esta, quando existiu, foi feita através de cursos, estágios, reflexão e discernimento comunitário.

O estilo de vida de muitas religiosas está evoluindo aos poucos, à medida em que o trabalho profissional passa a impor seu ritmo e suas exigências. O horário de trabalho, as distâncias a serem percorridas entre a residência e o local de emprego, os problemas de condução e de trânsito obrigam as Irmãs a rever seu ritmo de oração pessoal e comunitário, de encontros fraternos, de reflexão e de lazer. Muitas só têm possibilidade de "parar" ou de se reunir à noite e tomam somente uma refeição em comum. Os horários dos membros de uma Comunidade são muitas vezes tão diversos que, mesmo esses encontros, não são regulares, variando de dia para dia, conforme as solicitações da vida profissional. Esta freqüentemente comporta atividades extras, como reuniões, contactos com pessoas diversas, execução de outras tarefas além do horário estrito de trabalho. É o caso, por exemplo, de inúmeras professoras, orientadoras, assistentes sociais. Aos sábados e domingos muitas se dedicam ainda a atividades pastorais.

A vivência da pobreza religiosa apresenta também nova modalidade. Na maioria dos casos, os salários recebidos são entregues na íntegra à caixa comum da Comunidade. Se o saldo ultrapassa as necessidades do grupo, o restante é enviado à Província que dele dispõe conforme os objetivos da Congregação. Esta, por sua vez, contribui geralmente para as despesas das Comunidades que não ganham o suficiente para manter-se. Todas as Irmãs estão a par da contabilidade da casa e dispõem de uma soma determinada para despesas pessoais. Os critérios de avaliação são buscados em comum, bem como a reformulação do **modus vivendi** do grupo diante da interpelação do novo contexto de vida.

A opção pelo engajamento em uma profissão não é, pois, algo que se acrescenta simplesmente à Vida Religiosa: impõe todas as exigências de uma vida profissional. Em contacto diário com colegas de trabalho de mentalidades as mais diversas, muitas religiosas vêm revendo, não sem conflitos inerentes a essa revisão, as próprias concepções sobre comunidade, oração, trabalho, pobreza e sobre o sentido mesmo de sua vida religiosa.

4. Elementos para uma avaliação

Com as ressalvas apontadas no início deste trabalho, quanto à validade de se pretender formular, desde já, juízo crítico sobre o processo de profissionalização que tentamos descrever sumariamente, podemos, contudo, ouvir o que sentem e dizem a respeito as religiosas nele engajadas, baseando-nos nos elementos de que dispomos para tanto.

Alguns aspectos dessa experiência são apontados como negativos ou conflitantes. Os conflitos parecem localizar-se principalmente em torno de três grandes pólos de tensão: vida comunitária, inserção no ambiente do trabalho, dualidade profissão/missão.

O ritmo de vida imposto pelo trabalho profissional é como vimos, um desafio à criatividade das religiosas a re-inventar a vida comunitária em todos os seus aspectos: partilha, apoio mútuo, oração, aprofundamento da fé, sustentação da opção pessoal pela Vida Religiosa. Ora, parece que esse desafio ainda não é percebido com clareza pelas Irmãs profissionalizadas. Vive-se ainda numa fase — penosa e frustrante — de "adaptação" dos moldes da vida religiosa tradicional que nos estruturaram profundamente, dificultando de modo quase intransponível a superação de seus conceitos, usos e costumes, para dar lugar a um estilo realmente novo de Vida Religiosa, compatível com a vida profissional.

Alguns dos conflitos apontados pelas religiosas como decorrentes da vida profissional, na verdade já existiam no estilo tradicional. Não é de hoje que precisamos resistir ao ativismo, evitar a sobrecarga devida ao acúmulo de trabalho e precavernos contra os inúmeros pretextos que podem levar à fuga das exigências da vida em comunidade. Não sem motivo essas advertências foram rotineiras no passado. Hoje, como ontem, é preciso estabelecer um projeto de vida individual e grupal, baseando no compromisso com prioridades assumidas. A diferença é que hoje cabe maior responsabilidade às pessoas e às comunidades. Os "exercícios" comunitários e os horários, regra geral, não estão estabelecidos nas Constituições, nem são decididos por uma Superiora e seu Conselho, mas organizados pelo próprio grupo conforme suas necessidades e possibilidades.

Outros problemas já são característicos da nova situação. Assim a necessidade da passagem de um ritmo e de um tipo de oração e de convivência fraterna adequado às estruturas antigas da vida comunitária, a novos ritmos, adequados ao engajamento profissional. É preciso redimensionar a vida comunitária. Para isso não há receitas, mas uma coisa é certa: esta não deverá recobrir necessariamente as práticas caracterizadas por uma jovem religiosa como o "estar-juntismo", mas antes ser reforçada em seu núcleo mais profundo e essencial: o compromisso mútuo na fidelidade à opção fundamental de cada uma e à missão comum. Isto significa que quem pretender lançar-se nesse caminho deverá ter maturidade suficiente para assumir a própria vida, as alegrias e as dificuldades do dia

a dia, como qualquer pessoa adulta e responsável, sem depender para tanto da explicitação e ratificação cotidiana do apoio do grupo. Essas pessoas deverão ser suficientemente seguras para assumir, em última análise, a solidão — que não é isolamento — inerente à condição pessoal, e peculiar àqueles que optaram pelo celibato consagrado a Jesus Cristo e aos irmãos.

Se alguns dos conflitos mencionados pelas religiosas profissionalizadas são na realidade oriundos de outros problemas que não decorrem exclusivamente dessa situação de vida, outros, pelo contrário, são bem específicos. É o caso da problemática que surge da inserção no ambiente de trabalho.

A inserção em um ambiente leigo de trabalho é muitas vezes um mergulho na realidade da vida para religiosas que passaram anos "enclausuradas" nas obras da Congregação. Despojadas dos privilégios da situação anterior que as preservava, são obrigadas a enfrentar o impacto de um ambiente onde outros são os valores: carreira profissional, status, prestígio, salário. O jogo dessas ambições gera freqüentemente um clima de competição, oportunismo, rivalidade, subserviência. Uma certa futilidade em relação a interesses, conversas, leituras, pode aos poucos contagiar. O envolvimento na sociedade de consumo atinge também as religiosas que não ficam imunes às necessidades artificiais criadas pela publicidade e pelo ambiente.

Ter um salário em mãos pode representar para quem recebida tudo na Congregação, a tentação de dispor dessa quantia a seu bel-prazer. Para algumas cria-se, além disso, um conflito de consciência pelo fato de terem garantido um bom salário, quando suas famílias passam necessidade. Ainda que a Congregação auxilie essas famílias, isto nem sempre resolve o problema pessoal das Irmãs que se situa num nível mais profundo.

Quando no emprego há situações de injustiça, a religiosa muitas vezes sente-se tolhida para agir já que sua posição de subalterna nem sempre a deixa sentir-se totalmente livre para denunciar o abuso e reivindicar as providências exigidas pela justiça social. E quando há coragem para tanto, dispondo-se a Irmã a enfrentar todos os riscos, ela se depara geralmente com as barreiras da burocracia e da alienação dos responsáveis pela situação.

Toda essa problemática oriunda da inserção no ambiente de trabalho exige das religiosas profissionalizadas o re-situar-se diante do trabalho, do dinheiro e do poder.

A zona mais séria de tensões encontra-se, parece, na dualidade da profissão e da missão. A opção fundamental das religiosas não foi por uma carreira profissional, mas sim pelo serviço apostólico dos irmãos, na vida consagrada. Enquanto exerciam uma atividade nas obras da Congregação, não havia dicotomia porque o objetivo era um só e tudo convergia para sua realização. Hoje não se percebe com a mesma nitidez a relação entre vida profissional e vida apostólica.

Algumas afirmam que existe identidade entre o trabalho e a missão:

julgam que pelo simples fato de serem consagradas a Deus, a serviço do próximo, toda sua atividade profissional se reveste de caráter apostólico. Acreditam que sua presença questiona e transforma o ambiente de trabalho, apenas por suas atitudes.

Outras não estão tão seguras. Vivem um conflito permanente, nem sempre percebido com clareza, entre trabalho e missão, vida religiosa e vida profissional. Para sentir-se mais integradas na vida da Igreja e realizadas como religiosas, procuram engajar-se em um trabalho pastoral a que dedicam algumas horas à noite ou nos fins de semana.

A divergência na maneira de se posicionar diante da situação provém, quer do tipo de profissão exercida, quer do meio onde ela se exerce, quer ainda, e principalmente, da motivação pessoal da religiosa e da maneira como encara e exerce seu trabalho profissional.

Nas reflexões pessoas que encerram nosso estudo voltaremos a abordar este assunto que se situa, a nosso ver, no âmago da problemática. Limitamo-nos, por ora, a assiná-lo como um dos principais pólos de tensão mencionado pelas religiosas profissionalizadas.

Contudo, se as Irmãs que se dedicam, em circunstâncias novas, a um trabalho profissional apontam com sinceridade conflitos nem sempre superados resultantes dessa situação, são, por outro lado, numerosos e importantes os pontos por elas assinalados como benéficos para sua vida pessoal e seu engajamento como religiosas. De modo geral, é positivo o balanço da situação.

Se os conflitos apontados parecem localizar-se em torno dos três pólos principais de tensão acima analisados, afigura-se-nos poder agrupar, paralelamente, em três grandes áreas, os benefícios que, segundo as Irmãs, lhes advêm do fato de entrarem na vida profissional e assumirem as conseqüências daí decorrentes. Trata-se do próprio núcleo fundamental da pessoa humana, enquanto consciente e livre, da zona não menos importante do relacionamento inter-pessoal e do âmbito, humano por excelência, do trabalho — ou da missão. Não são estas áreas estanques. Ao contrário, todo progresso ocorrido em uma delas repercute necessariamente nas outras.

A grande maioria das religiosas, ao realizar uma revisão crítica de sua situação de profissionalizada, refere como um dos pontos altamente positivos dessa experiência o amadurecimento humano. O crescimento, no sentido de um maior conhecimento de si mesma, da auto-aceitação e aceitação dos outros, com as qualidades e limitações de cada personalidade, o desenvolvimento do senso crítico, a conquista progressiva de maior liberdade e disponibilidade pessoal, maior capacidade de tomar iniciativas e assumir responsabilidades, em suma, essas Irmãs apresentam-se como mulheres mais libertas e mais seguras e muitas delas declaram-se mais felizes.

Sendo assim, é fácil compreender que essas religiosas se refiram tam-

bém ao aperfeiçoamento da capacidade de se relacionar com as outras pessoas. O convívio com os colegas leigos de profissão, de sexo, idade, situação familiar e formação as mais variadas, tem servido para muitas de aprendizagem de encontro fraterno, na simplicidade, franqueza, confiança e apoio mútuos. A ascese da escuta, da acolhida e do perdão, é mencionada como lição de vida de valor inestimável pelas Irmãs que se alegram de compartilhar de perto da sorte dos companheiros de trabalho.

No exercício mesmo da profissão, ou seja, no âmbito do trabalho propriamente dito, que para muitas se identifica com a missão apostólica, as religiosas profissionalizadas encontram igualmente uma série de pontos positivos. Mesmo aquelas que não mudaram de profissão e que, como vimos, são a maioria declaram que o fato de passarem a exercê-la em circunstâncias novas, assumindo a situação de assalariadas, desprovidas de privilégios, com os mesmos direitos e deveres que os demais, levou-as a compreender melhor a realidade da vida da multidão de homens e mulheres que vivem do seu trabalho. As Irmãs que se engajaram, pelo trabalho junto aos pobres, em ambientes mais populares, atestam que estão hoje mais aptas que anteriormente a entender a dureza da vida e do povo e suas necessidades mais urgentes; mais preparadas para perceber e denunciar as injustiças vigentes e para participar da luta do povo por condições de vida mais humana. As que exercem uma profissão em ambientes de classe mais alta afirmam que são levadas a questionar, principalmente através de suas atitudes pessoais, os valores aí imperantes.

Todos esses valores melhor descobertos pelas religiosas profissionalizadas, a partir de sua nova situação de vida, influem na maneira mesma de assumirem a opção pela vida religiosa. Essas Irmãs apresentam-se como tendo tomado maior consciência do sentido dessa opção e de suas conseqüências. Assinalam, em especial, o crescimento na fé, num processo de conversão contínua, o aprofundamento da vida de oração, a maior valorização da comunidade, maior consciência do sentido do voto de pobreza, mais autenticidade e busca de maior coerência pessoal.

Vê-se, pois, que os pontos ressentidos como negativos ou conflitantes apresentam um reverso da medalha. Parece-nos, assim, poder afirmar que as religiosas profissionalizadas julgam que sua situação, embora acarrete mais exigências, seja um desafio que vale a pena aceitar. Acreditam que seu novo estilo de vida é benéfico para quem o abraça, bem como para sua Congregação e a missão apostólica a que se dedica.

A avaliação assim esboçada merece de nossa parte reflexão mais detida.

5. Questões abertas

A situação das religiosas profissionalizadas, descrita em seus aspectos mais relevantes, encerra, como vimos, uma problemática bastante complexa. Seu fulcro consiste, a nosso ver, na relação profissão/mis-

são, ou melhor, vida profissional e vida religiosa apostólica, onde incidem as principais questões levantadas pelas Irmãs e de onde surgem novas pistas para a reflexão sobre o lugar atual da religiosa na Igreja e na sociedade.

A análise apresentada sugere-nos uma série de interrogações que poderão contribuir para o prosseguimento da busca.

Uma pergunta fundamental refere-se ao sentido mesmo do projeto assumido pelas religiosas profissionalizadas.

Vimos que circunstâncias diversas, internas e externas a vida religiosa, estão na origem desta tendência. A partir dessas circunstâncias, a motivação mais legítima das Irmãs para se engajarem na vida profissional foi o desejo de ser fermento na massa, de passar da separação à comunhão com os irmãos.

Uma análise mais acurada, contudo, leva-nos a indagar: com quem estão prioritariamente comprometidas essas Irmãs, no exercício de sua profissão? Em que classe social se situam? Que função de classe assumem?

A escolha profissional da grande maioria foi condicionada, como vimos, pelo preparo anterior, conforme o carisma da Congregação. Quase todas as religiosas trabalham na área da educação, da saúde, do serviço social. Para que o desempenho desse trabalho profissional preencha os requisitos de uma ação apostólica conforme à orientação pastoral da Igreja do Brasil, é mister que ela seja, prioritariamente, contestação da injustiça social, opção de solidariedade com as classes populares, compromisso com a libertação dos oprimidos. Em uma palavra, busca mais radical de vida evangélica. Isto não significa que todas devam fazer-se operárias e morar na periferia, ou radicar-se no sertão do Nordeste. Mas todas devem situar-se do lado do pobre, do pequeno, do fraco. É preciso que a atuação profissional das religiosas convirja para essa direção. Ora, não é toda profissão, nem qualquer emprego, que dá margem para esse tipo de atuação. Na escolha do engajamento profissional, o que importa, antes de tudo, é nosso compromisso com o pobre, é saber "onde está o nosso coração", que objetivos nos impulsionam e nos dão critérios para a ação. Importa a mudança do "lugar" a partir do qual lemos a realidade e nos posicionamos frente a ela. Esta "conversão do olhar" levará muitas Irmãs profissionalizadas a se deslocarem, também social e geograficamente, em busca de uma participação mais efetiva da sorte dos humildes, passando, aos poucos, a viver "com" e, o mais possível, "como" eles.

Esta concepção do sentido do trabalho profissional das religiosas indica-nos uma via de superação da oposição entre as tendências "clericalizante" e "profissionalizante", na vida religiosa atual. Profissão e missão podem e devem unificar-se na vida das Irmãs. O exercício da profissão é o que possibilita muitas vezes, hoje em dia, a entrada da religiosa em uma comunidade e o desenvolvimento de um trabalho de evangelização, talvez assistemático,

mas não menos eficaz para o Reino (5).

Para tanto é, porém, imprescindível que a Irmã defina com clareza os objetivos de sua atuação e encontre espaço de liberdade suficiente para seu desempenho. Isto é muito favorecido quando o vínculo empregatício da religiosa é contraído com a Congregação, ou com uma paróquia ou diocese, e ela exerce sua atividade profissional integrando-se em uma comunidade eclesial. Recente projeto da Arquidiocese de São Paulo propõe que as religiosas que venham a assumir "o ministério da animação, coordenação e administração de paróquias e comunidades eclesiais", sejam mantidas, em parte, "pelo trabalho profissional remunerado de membros da equipe". E acrescenta: "Esse trabalho é importante para maior inserção e testemunho, desde que seja compatível com o trabalho pastoral" (6).

Um estudo mais aprofundado do assunto não poderia levar a reconhecer a prestação de serviços profissionais à comunidade como ministérios assumidos na Igreja particular, desde que, pautando-se pelos critérios apontados acima, coadunem com a pastoral da diocese e nela se integrem? Esta orientação levaria as religiosas profissionalizadas a superarem na vida cotidiana a tensão existente entre trabalho pastoral e trabalho profissional, dedicação à missão evangelizadora e preocupação em "arranjar emprego" para sua manutenção e reduziria dessa forma os conflitos daí decorrentes.

A formação permanente das Irmãs que já aceitaram o desafio da profissionalização, bem como a formação inicial de candidatas já profissionalizadas ou que se apresentem às Congregações que, embora sem exclusividade, vêem hoje nesse caminho uma forma de serviço na Igreja do Brasil, deverá levar em conta as exigências dessa situação na preparação teológica, cultural, profissional e psicológica dessas religiosas.

A profissionalização das religiosas é, como vemos, uma questão complexa cujo estudo merece a atenção de todos que procuram discernir os caminhos do Espírito para a vida religiosa no Brasil, hoje. Cabe-nos a responsabilidade de tomar consciência do processo, de posicionar-nos com lucidez e, na medida do possível, nele interferir.

Esta reflexão, nascida da vivência pessoal, pretende provocar reações que venham complementá-la e suscitar estudos especializados e mais profundos, particularmente sobre os aspectos teológicos e sociológicos da questão.

NOTAS

(1) Principais estudos utilizados neste trabalho: ANTONIAZZI, A. **Os ministérios na Igreja, hoje,** Cad. de Teol. e pastoral, 1, Petrópolis, Vozes, 1975. AUTRAN, A. M., **Comunidades religiosas e missão apostólica,** Vida Religiosa, Temas atuais, 5, Petrópolis, Vozes/CRB, 1976. BOFF, L., **Eclesiogênese: as comunidades eclesiais de base re-inventam a Igreja,** SEDOC, Petrópolis, Vozes,

9, 1976, n. 95, págs. 393-437. AZEVEDO, M. DE C., **Os religiosos: vocação e missão. Um enfoque exigente e atual,** Vida Religiosa e Realidade, 4. Rio, CRB, 1977. AZEVEDO, M. DE C., **Os religiosos na realidade nacional e eclesial do Brasil,** Vida Religiosa e Realidade, 3, Rio, CRB, 1977./ CLAR, **Tendências proféticas da Vida Religiosa na América Latina,** Col. CLAR, 24, Rio, CRB, 1977. CNBB, **Pastoral de comunidades e ministérios,** CER — Sul 1 — CNBB, S. Paulo, Ed. Paulinas, 2ª ed., 1977. QUEIROZ, A.C., **A Igreja no Brasil,** Vida Religiosa e Realidade, 2, Rio, CRB, 1977. ROCHA, M., **Projeto de Vida Radical,** Petrópolis, Vozes, 1977. (2) Esta parte de nosso estudo baseia-se em anotações pessoais da palestra proferida pelo P. H.L. Vaz, **Religiosos Profissionalizados numa sociedade de classes,** no 2º encontro de reflexão sobre profissionalização das religiosas, promovido pela CRB nacional a 27 e 28 de novembro de 1976. (3) **Convergência,** IX, 1976, nºs 91 e 92 e X, 1977, nº 99. (4) A título de curiosidade, é interessante assinalar algumas respostas de Provinciais à pergunta formulada no Questionário da CRB: "Acha que é possível definir certas profissões como incompatíveis com a Vida Religiosa? Quais?" As profissões apontadas nessas respostas foram: "artista de teatro, TV e rádio, polícia feminina, corretora de imóveis, membro do SNI". (5) Sabe-se que este é o caminho encontrado atualmente pelas religiosas em países como a Argélia e o Vietname. (6) **Ante projeto: coordenação de comunidades paroquiais assumidas por religiosas.** Arquidiocese de São Paulo, 3 de agosto de 1977. Texto mimeografado.

Será conclusão apressada?

Sigo de perto as publicações referentes à Igreja Latino-Americana ou dela provenientes. Alguns bispos fazem manchete. Algumas Igrejas viram notícia. Às vezes sou tentado a concluir: Certa fluidez, imprecisão e caráter abstrato do pensamento teológico e de documentos desta Igreja refletem auto-censura, clima de insegurança e de vigilância reinantes. O **wishful thinking** é um vício de raciocínio. Leva as pessoas a tomarem as suas próprias fantasias pela realidade, freqüentemente com as melhores intenções do mundo. Ou então dá a experiências limitadas o caráter de provas de verdades absolutas. O preço do irrealismo é muito elevado.

Dois pesos, duas medidas

O mundo julga por valores profundamente diversos dos valores de nossa fé, contraditórios à mensagem de Cristo. Assim, vale o imediato. Valem as aparências. As linhas comportamentais externas. Na escolha ou no entrechoque, a decisão de muitos se inclina para o que é transitório. Quem revê as posições em face do equívoco constatado? Pode haver grandeza até no erro. Quem busca criar cenários de coerência interna? Grande ou pequeno? Não interessa. Interessam a exatidão e o caráter ético.

LIVROS NOVOS

PSICOLOGIA DO PROFUNDO E VOCAÇÃO, Pe. L. M. Rulla, SJ. Tradução do original norte-americano **Depth Psychology and Vocation. A Psycho-social Perspective** de Floriano Tescarolo. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 280.

As Edições Paulinas lançaram dois volumes do Pe. Luigi M. Rulla, SJ. O primeiro tem o título acima e é dedicado à "pessoa" e o segundo volume com idêntico título, é consagrado "às instituições". Nestes dois livros o Pe. Rulla analisa os processos psicológicos relacionados com o ingresso, a perseverança e a eficácia na vocação religiosa e sacerdotal. Recolhe numa teoria rigorosamente científica os elementos psicológicos e teológicos que entram em jogo na vocação.

Apresentando a edição brasileira, o Pe. Rulla escreve:

"Os últimos dois ou três decênios determinaram um crescimento significativo de importância e de resultados para a psicologia científica. Surgiram técnicas novas, novas teorias, novos campos de aplicação; progressos consideráveis se fizeram notar. As pessoas começaram, assim, alimentar expectativas para a solução de problemas ao mesmo tempo bastante complexos e sobretudo cruciais para a vida diária.

"O período assinalado de rápida expansão e crescimento da psicologia científica coincidiu com a conscientização de situações problemáticas no âmbito de diversas áreas da vida da comunidade eclesial. Basta apenas citar as dificuldades notórias no domínio das vocações religiosas e sacerdotais, da moral e da moral pré-matrimonial em particular, e finalmente a problemática que se refere diretamente à instituição do casamento: limitações de nascimentos, divórcio, aborto, etc.

"Em todas estas áreas exige-se clareza, decorrente não apenas de valores sobreturais e espirituais, mas também de colocações fundamentais na abordagem científica do estudo da psiqué humana. Esta exigência de clareza, trazendo resposta aos sinais dos tempos, se torna mais urgente nas nações em franco desenvolvimento do processo educacional, como o Brasil. Por causa desta urgência de adequação aos tempos, as mudanças, nestas nações, podem surgir sem a profundidade necessária para atender a todos os aspectos da situação. Isto pode levar a inovações prejudiciais e desastrosas.

"O presente livro pretende trazer sua contribuição, embora pequena, de cunho científico, para definir com maior precisão a problemática acima referida. Por isso, os recursos tirados da psicologia ultrapassam a simples função

terapêutica da própria psicologia. Alcançam uma dimensão pedagógica, formativa. Dizendo melhor: o objetivo visado é a melhor compreensão estrutural da personalidade a fim de oferecer elementos quer aos indivíduos quer aos orientadores para a efetivação de sua vocação num processo de maturação cristã e afetiva.

"Aprofundemos a referência feita à compreensão estrutural da personalidade. O estudo das motivações que caracterizam uma personalidade pode ter um enfoque normativo ou um enfoque estrutural. Este último privilegia os fatores que influenciam o comportamento de determinado indivíduo, enquanto que o primeiro examina esses fatores em confronto com as normas configurativas de um grupo ou de um ambiente sócio-cultural. Os resultados conseguidos com a abordagem estrutural podem ser generalizados para grupos e ambientes diversos em sua cultura e nas situações históricas. Resultados "estruturais" obtidos nos Estados Unidos, por exemplo, podem ser aplicados a indivíduos e ambientes sócio-culturais sul-americanos.

"Dentro das possibilidades será mantido um enfoque estrutural a fim de se obter um resultado e um significado transcultural e transtemporal.

"A presente tradução segue as adaptações feitas na edição italiana que introduziu a diminuição ou a simplificação das noções técnicas presentes no trabalho original. Permaneceram inalterados os títulos e os subtítulos das diferentes partes e capítulos dos originais ingleses, permitindo ao leitor mais minucioso a consulta da edição em língua inglesa. O glossário que aparece no final do livro faz parte da adaptação italiana.

"As proposições fundamentais expressas neste livro foram e continuam sendo ainda hoje objeto de pesquisa. Os resultados destas pesquisas apareceram, em parte, em revistas científicas americanas. Outros resultados serão publicados em breve. Tais resultados confirmam as idéias fundamentais aqui expostas e encorajam a continuar na perspectiva seguida desde o início.

"O trabalho empreendido é exigente e demorado justamente porque se pretende científico. Parece-nos, porém, promissor em vista do objetivo pretendido: oferecer uma colaboração modesta para o comprometimento mais genuíno e completo dos indivíduos na resposta às vocações, aos apelos do Espírito".

O CRISTÃO DIANTE DA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA, André Dartigues. Tradução do original francês **Le Croyant devant la critique contemporaine,** do Pe. Roque Frangiotti, CSSR. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 160.

As correntes dominantes do pensamento e das ciências humanas põem em questão, em seu próprio princípio, todas as formas de crença. Não seriam elas ilusórias tentativas para encobrir o absurdo da existência e mascarar o trágico da morte?

André Dartigues dá conta da profunda viragem sofrida por nosso espaço cultural e evidencia os traços bem afirmados da consciência moderna. A confusão é um fato. Ela não visa a fé cristã

em particular. Antes, define o que já se tornou nosso lugar de existência.

O cristão não deveria se subtrair diante do desnudamento da consciência pela crítica moderna. Da mesma forma que os outros homens, ele não pode negar a morte. Ela é simplesmente insuperável. E seria errôneo considerar como moda passageira as fórmulas sobre a morte de Deus, do homem, do sentido... Sendo assim, como é possível crer? Será o fim da fé cristã?

O autor mostra como a fé pode se exprimir nesta nova situação, lealmente reconhecida. Ela não é a resposta teórica que preenche um vazio. Toda teoria não pode deixar de ser humana, e portanto mortal. Ela se fundamenta numa percepção do mistério de Deus que ultrapassa toda teoria e toda ciência. O Deus vivo pode tirar o mundo da morte como retira do nada para chamá-lo à existência. Por isso é que esta fé, que André Dartigues tão justamente caracteriza como força e fragilidade, é indissoluvelmente fé em Deus e fé no homem.

DOGMA E ANUNCIAÇÃO, Joseph Ratzinger. Tradução do original alemão **Dogma und Verkündigung**, de Pe. Antônio Steffen, SJ. Edições Loyola, São Paulo. Ano 1977. Página 344.

O caminho do dogma à pregação se tornou muito difícil. Já não há padrões de pensamento e imaginação que transponham o conteúdo do dogma para a vida de cada dia. O pregador individual se sente abrumado quando tem de procurar por si mesmo todo o caminho que vai da formulação dogmática até seu núcleo e de lá novamente até a linguagem da atualidade. Não será deixar o dogma inteiramente de lado?

Partindo das experiências dolorosas da teologia liberal em decomposição, Erik Peterson (Was ist Theologie? Bonn, 1926) mostrou de modo insistente e irrefutável que com semelhante cura radical, que hoje para muitos parece a única saída, a pregação se tornaria uma falar em nome próprio, perdendo todo o interesse objetivo. A tensão interna da pregação é uma conseqüência da relação objetivamente tensa com que se encontram as diversas peças do arco Dogma-Escritura-Igreja-Hoje. Nenhum dos seus pilares pode ser desmontado sem que no fim se desabe o todo.

Sendo assim, a teologia não pode se contentar com o refletir sobre a fé no elísio científico, deixando de resto o pregador entregue a si mesmo. Ela deve criar sinalizações para a vida de cada dia e encontrar módulos de tradução da reflexão para a pregação. O pensamento encontra a sua confirmação, em primeiro lugar, na capacidade de ser proferido.

O presente volume procura servir a esta tarefa de uma querigmática material. Os fragmentos de que se compõe originaram-se do diálogo com curas de almas ou na procura de uma linguagem pastoral própria em sermões, rádio, jornal. Daí resultou a sua estrutura: reflexões fundamentais sobre grupos particulares de assuntos e sobre tentativas de aplicações. Não podia resultar disto mais do que um primeiro início de uma grande tarefa. Talvez em compensação, o realismo das situações nas quais se originou o todo possa servir para descontar em parte a falta de sistemática e a exautividade.

ITA
ICI

Há pouco reuniu-se
o Episcopado Brasileiro
em Itaici, São Paulo.
O resultado de Itaici
revela a Igreja
do Brasil.
Em meio a certos ataques
e alguma desorientação,
é oportuno
ter uma imagem
sem distorções.
A Igreja continua fiel
ao Redentor e unida
ao Sucessor de Pedro.
Embora com deficiências,
resultado
da fraqueza humana,
ela busca
com afinco cumprir
a missão recebida
do Mestre.
Como tudo o que é de Deus,
participa do Mistério.
Formada de homens, sente
a limitação própria
das criaturas. Examinar
os acontecimentos eclesiais
por um ângulo meramente
temporal leva
a uma apreciação
errada. Há na Igreja
uma face divina que escapa
às perspectivas terrenas
e somente pode ser vista
e entendida à luz da Fé.

PUE
BLA